

ABORDAGENS INCLUSIVAS & DIVERSIDADE EDUCACIONAL

VOL. 01

NIVALDO PEDRO DE OLIVEIRA
(ORG.)



**Nivaldo Pedro de Oliveira
(Orgs.)**

**ABORDAGENS INCLUSIVAS & DIVERSIDADE
EDUCACIONAL
Volume I**

**Nivaldo Pedro de Oliveira
(Orgs.)**

**ABORDAGENS INCLUSIVAS & DIVERSIDADE
EDUCACIONAL
Volume I**

**Vitoria, ES
2023**



Copyright © 2023 Nivaldo Pedro de Oliveira (Organizador)
Todos os direitos reservados

Editor da obra

Deivid Antony Silva Santos

Arte da capa

Victoria E. S. Mendes

Conselho Editorial:

Adriano Pereira Jardim

Alexsandra dos Santos Oliveira

Eliana Mariel Diez de los Ríos

Eliana Povoas P. Estrela Brito

Elisa Ramalho Ortigão

Elói Martins Senhoras

Kiusam de Oliveira

Lívia Santana e Sant'Anna Vaz

Lúcia Grácia Ferreira Trindade

Maria de Fátima Hanaque

Rita de Cássia V. da Costa

Sílvia Lúcia Lopes Benevides

Sônia Guimarães

Suely Dulce de Castilho

Nivaldo Pedro de Oliveira (Org). ABORDAGENS INCLUSIVAS &
DIVERSIDADE EDUCACIONAL - Volume I. 1.ed. / Vitória: Editora
Educação Transversal, 2023, 168 p.

ISBN: 978-65-87634-33-3

1. Educação. 2. Inclusão. 3. Sociedade.

I. Título.

Todos os direitos desta edição reservados aos autores e organizadores.
É expressamente proibida a reprodução desta obra para qualquer fim
e por qualquer meio sem a devida autorização.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 07

Nivaldo Pedro de Oliveira

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: Uma
Revisão Teórica no Ensino e na
Aprendizagem Acadêmica 15**

Nivaldo Pedro de Oliveira

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA
UMA AVALIAÇÃO DA
APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA
INCLUSIVA..... 43**

*Janayna Silva Franco Bezerra, Leticia
da Silva Carvalho & Paula Leonete
Viana*

**A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA
COMO FORMA DE COMPREENSÃO
DA REALIDADE 77**

*Leticia da Silva Carvalho & Sandra
Regina Soares Diniz*

**ORIENTAÇÃO SEXUAL: Respeito as
Diferenças de Gênero na Escola 103**

Nivaldo Pedro de Oliveira

**O FAZER PEDAGÓGICO NAS AULAS
REMOTAS POR MEIO DOS RECURSOS
DIGITAIS 145**

Marilda Faustino de Andrade Ribeiro

PREFÁCIO

A construção de um material que servirá de referencial teórico e bibliográfico é muito bom, ainda mais quando se é o organizador, através do suporte editorial se conseguiu a organização deste trabalho magnífico. É importante se perceber que a seleção de material teórico precisa de mais opções e as novas aparições que soam como desafios na educação é cada vez mais, pois cada ser é especial e conduz especificidades distintas e requer abordagens mais inclusivas para que as práticas educacionais sejam diversas no contexto educacional.

Recebeu-se a honra de organizar tal recurso que sirva de auxílio norteador para outros amantes da temática se apropriem de cada relatos e experiências que se destacam em cada capítulo selecionado minuciosamente. A temática é provocadora para muitos amantes de área, além de

ser um contexto bem atual, pois oferece reflexões no assunto relacionado ao primeiro volume deste material que foi tão valorizado por colegas que se expandiu para o segundo volume.

Abordagens Inclusivas & Diversidade Educacional traz assuntos riquíssimos que envolve contextos na área da educação especial, com políticas inclusivas e inovadoras, envolve as tecnologias em favor da inclusão, diante de seus entraves, direitos e deveres, como um contexto diverso, mas voltados para a educação, pois a formação de sujeitos mais autônomos ou por que não dizer mais protagonistas? É a exploração deste primeiro volume entre seus participantes, pois todos trazem uma inovação para ser seguida por aqueles que desejam encontrar novos subsídios.

Neste primeiro volume se pôde salientar, o quanto é importante se expor material que auxiliem o público da educação especial e das diversidades, no entanto ao se falar desta diversidade educacional, se

tem como base a formação de novas práticas. Por isso, esta obra é uma combinação de ideias casadas, mas que inspiradoras, partindo de um ponto norteador ou inquietações de cada escritor. A obra contribuirá com um novo jeito de fazer na educação básica uma prática pedagógica diferenciada.

As construções foram analisadas de forma ética, onde cada escritor se preocupou em utilizar uma linguagem simples, mas bem realista do que acreditam e vivem, enquanto o organizador se preocupou em reanalisar cada unidade entregue, incluindo as questões autorais. Se analisou o olhar ampliado que os escritores deixaram visíveis em suas entrelinhas, pois suas perspectivas refletem num fazer pedagógico diferenciado.

Repensar no material que já existe, é o pontapé inicial para a exibição de outros olhares e linhas de pesquisas que ajudem mais na educação pública ou privada, onde se tem professores e estudantes com especificidades. Se frisou também que os nortes

descritos em cada introdução, já provoca uma curiosidade em cada interlocutor, para se aprofundar nas literaturas desenvolvidas e denominadas de revisões de literaturas, pois a discursão com os autores se tornou importante para que os leitores entendam cada referencial teórico usado por seus publicadores, que suas considerações finais respondem seus objetivos e seus argumentos estejam sanados e visíveis aos leitores desta obra inicial.

Como organizador, é importante repensar em cada reflexão colaborativa usada neste material construído coletivamente para atender as necessidades acadêmicas e sociais, no entanto apresentar novas ideias sobre o tema, é relevante para que certas práticas mudem mais ainda, de forma inclusiva e contextualizando cada experiência torna-se muito mais rico. É importante se destacar que cada autor ou autora, pensou ou repensou em cada referencial que ambientasse seus valores profissionais que agreguem mais valores aos profissionais, são

relações que os interlocutores desta obra irão se deleitar em cada situação lida.

Ao se pensar e repensar neste primeiro volume, foi importante entender as metodologias que cada autor salientou ao longo de suas construções, claro que tipo de pesquisa, como um ramo que é lógico nas ocupações de seus métodos utilizados nas diferentes ciências acadêmicas exploradas, claro que o autor de cada obra se sentiu livre para construir suas regras ou diligências que o próprio escritor estabeleceu como critério de realização, que consolidou na consecução desta grande obra com métodos tão simples, mas que muito rico.

Em se pensar em resultados e nas discussões, cada escritor se sentiu livre para estabelecer substituições através de seus relatos de casos vividos ou observados, ou seja, suas experiências que se tornaram ricas, que de certo modo contribuíram para a consecução desta obra. Espera-se que cada interlocutor se sinta amparado com o que vai

encontrar nestas entrelinhas, pois destaca-se que sala de aulas ou salas de recursos precisam de profissionais mais habilitados com as situações atuais que cobram cada vez mais destes profissionais.

Se organizou em suas unidades capitulares uma sequência lógica que ajuda os leitores a alinhar aprendizagens mais sólidas e significativas. Outro fator relevante, é entender que a formação humana é algo inovador e que requer flexibilidades que ajudem em cada especificidade, tornando-a mais acessível, mesmo diante de um contexto diverso que se tem hoje dentro das escolas no país. E, independentemente da modalidade de ensino, o aprendizado com o desejo de ajudar ao próximo por meio de publicações deve caminhar juntos, num olhar ou planejar mais inclusivo.

Cada responsabilidade autoral foi relevante para o levantamento de outros destaques que foram surgindo, devido as suas especificidades, sem deixar de lado as suas características acadêmicas. Também

salienta-se que a flexibilidade usada em cada unidade foi importante para que contribuísse de forma significativa, tornando-as mais relevantes para seu público leitor protagonista em suas pesquisas comprometidas com as responsabilidades sociais, voltadas para as diversidades educacionais.

Se frisa que os interlocutores destas obras irão entender e vislumbrar como os teóricos auxiliam no levantar de olhares que ajudem na valorização dos escritores para cada trabalho exposto. Inovar é a palavra-chave que propõe trabalhos inovadores, num pedagógico que conta com escritas e escritas e leituras com focos mais alinhados, em favor duma agregação de valores, que por meio dos textos, se pode atuar ricamente.

Cada construção contribui ainda mais para isto, a excelência do ensino mais prático e leve, ou seja, menos sofrido para alguns que acreditam ser difíceis certas abordagens adentrarem no contexto educacional, independente de qual for o tema é

necessários se propor indicações inovadoras ou no mínimo repensar em no processo de se trabalhar a certas demandas que envolvem os contextos educacionais, como um processo de mecanismos didáticos-pedagógicos.

Destá forma, tais escritos trazem como legados outros escritos, partindo dos já existentes, só que agora com uma pitada diferenciada no conhecimento marcado pela reflexão inspiradora, para que as transformações na educação aconteças e com isto se tenha um diferencial nesta publicação. Sendo assim, os convido a deleitarem o que cada autor de obra frisa em suas construções, como elementos inspiradores e que merece visitasões leitoras neste universo de escrita acadêmica. Desejo boas leituras!!!

Nivaldo Pedro de Oliveira

Profissional da Educação Básica e do Ensino Superior,
além de amante das Ciências Educacionais.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: Uma Revisão Teórica no Ensino e na Aprendizagem Acadêmica

Nivaldo Pedro de Oliveira ¹

Quando se pensa na Inteligência Artificial (IA) logo se pensa em algo tão complicado, enquanto para outros uma ação sobre natural que até se espanta, mas quando se vem para a prática se percebe o quanto é algo diferente ou bem simples, no entanto muito possível de se executar numa determinada tarefa de trabalho ou estudos.

Apresenta-se uma ideia de discussão teórica, onde alguns teóricos como Tegmark (2009), Domingos (2017), Feferbaum (2018), Oliveira (2019), dentre outros já salientavam o trabalhar com as IA,

¹Letras (UNITINS), Pedagogia (UNIMES), Educação Especial (FAVENI), Biologia (FAVENI), SEMED (Paço do Lumiar / São José de Ribamar / São Luís), SEDUC (São Luís), Orid. <https://orcid.org/0009-0001-9148-2783>, E-mail: nivaldop.oliveira@hotmail.com

numa visão mais longa de acontecimentos, mas que poderia melhorar as diversas atividades lideradas a outras pessoas, através das tecnologias, se perceberá que o ser humano está numa constante evolução digital, não apenas reproduzi-la, mas com a finalidade de uso pessoal também, com tanta evolução midiática as Inteligências Artificiais podem mudar o rumo do trabalho e da aprendizagem de todos que almejam usufruir em seus trabalhos ou estudos.

Os conceitos teóricos ajudam a compreender muitas práticas do dia a dia que tais recursos favorecem no acesso as IA, independentemente do trabalho desenvolvido ou da realização de tarefas a executar, é notório que exista habilidades de uso, para que soam como vantagens, sendo que outras condições como a boa conectividade e a tranquilidade para trabalhos e estudos também, caso contrário, as desvantagens irão aparecer diante de seus usuários.

Acredita-se que os desafios são grandes ainda para muitos docentes e discentes, para que a IA seja inserida e auxilie nos espaços educacionais, mas para que, concerne as aprendizagens mais significativas, é importante que ensinante e aprendente esteja disposto a se doarem no bom uso das diversas máquinas tecnológicas existentes e seus softwares, onde a partida da Inteligência Artificial não seja vista com uma nuvem negra para seus pares de envolvidos.

A construção traz uma ideia conceitual de IA partindo dos pressupostos que se podem surgir na relação de ensino e aprendizado, onde se faz uma associação com o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e o Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (MOODLES), como espaços de colaboração para a realização de diversas funções participativas, sendo elas dirigidas ou livres.

Ao se falar das Inteligências Artificiais, logo se entende que se trata dos novos direcionamentos dos porquês se estar ensinando ou aprendendo, sendo a mesma (AVA ou MOODLES) ferramentas de importantes valores na comunicação eficiente, e, as teorias desta discussão propõem um nova metodologia de ensino, para que o aprendizado seja bem melhor. Desta forma, se expõe tais ferramentas em uso no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), pois como professor e ex-aluno, se pode refletir no uso destes mecanismos como molas que impulsionam o trabalho e o estudo na prática.

Ao se falar de Inteligência Artificial numa perspectiva dum revisão bibliográfica, se percebe que as teorias desenvolvidas, com finco de ensino e de aprendizagem nos espaços acadêmicos, é notório se perceber a presença destes subsídios para que os docentes e discentes desenvolvam suas demandas, em especial as do IFMA que é o espaço onde se tem a maior vivência com os Ambientes

Virtuais de Aprendizagens e o Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment.

A construção demonstra uma metodologia bibliográfica, se fez consultas nos muitos espaços seguros de pesquisas, onde se frisa o Google Acadêmico, Periódicos da Capes e SciELO, além dos materiais da Instituição MUST UNIVERSITY, que deram subsidio para esta construção, creditou-se a mesma como qualitativa, por descrever realidades nas vivências de práticas profissionais e sociais na interligação do professor, com o aluno, sem falar da integração com as tecnologias oferecidas na Instituição que usufrui dos (AVAs/Moodles).

Finaliza-se demonstrando as formações para tal uso eficiente como destes mecanismos de interações no ensino e aprendizado nas realizações de demandas em cada Instituição, sem falar das habilidades com as tecnologias que se tem ao usar qualquer que seja a ferramenta interativa, como um caminho melhor, na melhoria de práticas

pedagógicas, como também nas aprendizagens colaborativas por envolver a todos no processo, onde a teoria e a prática prevalecem juntas no espaço educacional e social do homem digital do presente.

CONCEITUANDO INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Aponta-se que Inteligência Artificial apresenta alguns conceitos, mas o certo é que tal mecanismo se alia as ciências da computação, pois grandes pesquisadores são capazes de criar aplicativos com as tecnologias disponíveis, onde as suas aplicações se dão em diversas áreas no ensino e na aprendizagem na educação à distância.

Desta forma, entender os sistemas capazes de oportunizar um pensar ou agir de igual modo ao homem, é a revolução digital à porta, ou seja, ao se falar de IA, é se referir a tecnologia na elucidação das inteligências humanas, pois graças a elas, vidas são salvas, impossíveis para muitos se tornaram possíveis,

através da locomoção, aproxima pessoas de distantes realidades, além de, é claro, realizar demandas que substituí até o trabalho do próprio homem.

Se afirma que, as programações das Inteligências Artificiais promovem autonomia, isto quando ela mesma não é a própria inteligência ou autonomia na realização de muitas tarefas, que agiliza o trabalho humano, dando um retorno muito mais rápido. Com base nisto, compreende-se que ela já faz parte do dia a dia de muitas pessoas que possuem um celular de ponta. Se pode até citar como exemplo o comando de voz do Google, o Google Map, Ferramenta de inserção de Textos ou Pesquisador de Imagens, sendo que tudo de graça, bastando apenas o usuário ter uma conta de e-mail do gmail.

Assim, (Tegmark, 2019, p.30), aponta na sua construção denominada de 'Life 3.0', e caracteriza a IA "Capacidade de realizar qualquer tarefa cognitiva

pelo menos tão bem quanto os seres humanos", desta forma, se analisa que não é um inteligência biológica, mas ela se eleva em algumas situações muito melhor que as do homem. Já (Polson; Scott, 2020, p.9-10), salientam que "Algoritmo é um conjunto de instruções passo a passo, tão explícitas que até algo com uma 'mente' tão literal como um computador pode segui-las", ou seja, exemplos bem claros de como as IA se destacam das inteligências humanas.

Já (Russel; Norvig, 2013, p.33), demonstram que: "A teoria da decisão, que combina a teoria da probabilidade com a teoria da utilidade, fornece uma estrutura formal e completa para decisões (econômicas ou outras) tomadas sob a incerteza [...]". Para os autores, há uma excelência nas combinações de teorias, frisando uma solução futura sobre uma perspectiva em determinada ação que a pessoa terá que executar, diante de suas tarefas, pois, conceituar as Inteligências Artificiais se faz

necessários algumas habilidades que envolvem recursos midiáticos e uma boa conectividade.

Para Le Coadic (1996), frisa tecnologicamente que:

O advento da eletrônica (que se traduziu pela transição dos suportes materiais para suportes imateriais), seguido da informática e do desenvolvimento da comunicação de informações à distância (telecomunicações) só fizeram reforçar essas tendências. Demultiplexação, amplificação e armazenamento de enormes volumes de informações ocorrem sem cessar e, às vezes, nos fazem duvidar da cordialidade da nova sociedade da informação! (Le Coadic, 1996, p.7).

Enquanto, Broughton (2019), salienta que:

A inteligência artificial impactou muitas áreas da atividade humana, em parte devido à velocidade com que pode processar informações em um mundo sobrecarregado, economizando esforço humano e aparentemente oferecendo uma maneira mais objetiva de avaliar e responder a uma variedade de situações. (Broughton, 2019, p.597).

Com base nas comparações, entre os autores acima, já dá para se compreender que a Inteligência Artificial já está inserida no contexto social a algum tempo, pois a tecnologia vem fazendo prestação de muitas atividades humanas, claro que cada uma atendendo as especificidades desejadas, numa linguagem própria para cada demanda, por isso, pensando na educação online ou na modalidade EaD é o reforçamento de tendências educacionais diferenciadas no século vigente.

Os mecanismos das Inteligências Artificiais do século atual, se diferencia como uma das mais eloquentes, de tal audácia que o próprio homem se surpreende com os resultados programados por ele mesmo. Para tanto, (Oliveira, 2019, p.28), vem reforçar tal arguição, mostrando que: “Uma das razões que levou a evolução da IA foi se algum dia o computador poderia agir de modo inteligente como um ser humano, deste modo gerou interesse por parte

de cientistas, engenheiros e filósofos", ou seja, quando a pessoa se interessa por algo, é notório que ela se dedica mais no desenvolver tais estudos.

Na modalidade EaD ou Online é notório que as IA se destacam como, no que se ensina ou se aprende, pois, o docente ou discente apresentam melhores resultados na realização de suas tarefas ou demandas a serem realizadas pelos mesmos durante o uso da tecnologia em conjunto com a Internet de qualidade. Outras definições, sobre a Inteligência Artificial são pontuadas pelos autores abaixo.

Para (Russel; Norvig; 2013, p.29), definem as Inteligências Artificiais sob duas visões que são entrelaçadas: "a) processos de pensamento e raciocínio - pensando como um humano e pensando racionalmente; b) comportamento - agindo como seres humanos e agindo racionalmente.". Enquanto (Domingos; 2017, p.27), destaca que: "O objetivo da IA é usar os computadores a fazer o que atualmente os humanos fazem melhor, e aprender é sem dúvida

a mais importante dessas tarefas; sem ela, nenhum computador pode se equiparar a um humano por muito tempo [...]”, desta forma, se percebe o quanto, é importante esta relação de inteligência associada a tecnologia, numa proporção de oferta adequada de uma modalidade de ensino EaD ou Online.

Demonstra-se as palavras de McCarthy (2007), sobre os amantes da IA:

O intuito dos pesquisadores de IA é buscar meios de fazer com que as máquinas solucionem dificuldades existentes. Identifica-se que no geral a investigação em IA predomina em resolver problemas maiores que a inteligência humana não pode elucidar. Assim, os pesquisadores observam como os humanos realizam tal atividade e principalmente exploram métodos computacionais no qual os humanos não conseguem realizar. A IA tem como empenho final criar programas de computador para solucionar problemas e atingir objetivos no mundo como ocorre com os humanos. (McCarthy, 2007, p.31).

Nesta visão, se percebe o quanto a IA oferece meios solucionáveis para seus usuários, pois elas vão além do que se planejou, atua na sanção de dificuldades que se sobressai aos pensamentos humanos. Comparando tais pensamentos conceituais do autor, é notório o quanto, a inteligência do homem também surpreende, pois é quem desenvolve e aperfeiçoa as Inteligências Artificiais já existentes.

Inteligências Artificial X Inteligência Humana

O homem cria e recria obras maravilhosas, mas em se tratando de tecnologias, há alguns que discordam, pois pontuam como problemas que envolvem às inteligências artificiais, que não se resume aos fatores fictícios de filmes, animações, aos romances, dentre outras especificidades que o próprio homem é capaz de criar, e sim na substituição de trabalhadores humanos pela robótica.

Como destaca Domingos (2017):

Um algoritmo é uma sequência de instruções que informa ao computador o que ele deve fazer. Os computadores são compostos por bilhões de minúsculas chaves chamadas transistores, e os algoritmos ligam e desligam essas chaves bilhões de vezes por segundo. O algoritmo mais simples é: gire a chave. (Domingos, 2017, p.20).

Sendo assim, percebe-se do que o homem é capaz de criar e recriar, no entanto a inteligência humana comporta fortes ligações como os algoritmos de uma máquina, sendo capaz de executar, após sua programação ser executada por um humano, pois sem sua real ativação a máquina por si só não executa tal eficiência que o próprio homem espera, fora isto, até cita-se outros exemplos de IA, como o comando de voz do Google Documentos, Google Maps, dentre outros que são eficiência no século vigente com fortes interações.

Assim,

A inteligência pode ser definida como o conjunto das habilidades cognitivas do indivíduo, a resultante, o vetor final dos diferentes processos intelectivos. Refere-se a capacidade de identificar e resolver problemas novos, de reconhecer adequadamente as situações vivenciadas cambiantes e encontrar soluções, as mais satisfatórias possíveis para si e para o ambiente, respondendo às exigências de adaptação biológica e sociocultural. (Dalgarrondo, 2008, p.277).

Compreende-se que certas habilidades usadas no desenvolvimento de áreas, como na educação EaD ou Online, por meio das interações sociáveis nas plataformas dos AVAs ou Moodles usados nas Instituições de ensino. Desta forma, ao se trabalhar com as Inteligências Artificiais associada as Inteligências Humanas é notório como se pode mudar a execução muitas tarefas. Muitas áreas do conhecimento necessitam da Inteligência Humana, no que especifica a educação superior, sua imaginação evolui bastante nos últimos anos, pois

possibilidades surgiram, problemas foram solucionados para aqueles que não tinham acesso ao ensino superior, os campos profissionais cresceram de forma divergente, mas com uma redução na mão de obra.

Claro que um conjunto de multiprofissionais são necessários para que este trabalho avance, no entanto é a Inteligência Humana que faz a diferença na sociedade atual. A inteligência do homem executa trabalhos incríveis, mas quando associada numa demanda tecnológica é muito mais eficiente.

Quando a inteligência humana cria um desenho, é uma forma de provar que, a máquina depende do homem, de sua organização, programação e manipulação tecnológica, no intuito de que, a mesma, se sobressaia, sob as inteligências de um robô, por exemplo que nasceu de um humano. Sendo assim, tal ideia agrada a todos, geram vantagens ao mercado digital e financeiro.

Segundo Nunes; Silveira (2011), pontuam que:

[...] a inteligência vai além de resultados obtidos pelos estudantes, expressos em notas, índices e fatores. Ao contrário, ela está relacionada com aspectos próprios do sujeito e com elementos do meio, manifestando-se de forma singular nas situações formais e informais de aprendizagem, experimentadas por ele em seu cotidiano. A inteligência articula-se também com a capacidade do ser humano de conhecer e entender a realidade que o cerca, de modo a dominá-la e transformá-la. É, portanto, um processo aberto e mutável. (Nunes; Silveira, 2011, p.149).

Neste discurso, é favorável se pontuar que o homem é potente, pois conseguem se surpreenderem em tudo o que criam, sendo o mais imaginável é o seu poder de recriação. O produto final é o resultado favoráveis aos seus planejamentos, assim, certas realidades da capacidade humana, diante dos avanços existentes no século digital que são os recursos tecnológicos e seus softwares criados por ele mesmo.

AVAs e Moodles no IFMA

O Instituto Federal do Maranhão é uma Instituição pública que oferece cursos de graduação e pós-graduações presenciais e na modalidade a distância, além dos tecnólogos e os de aperfeiçoamentos em plataformas que favorecem e provocam o estudante a ir em busca de novos saberes, onde os seus docentes são ofertadores ou mediadores desta busca.

Para tanto, Feferbaum (2018), salienta que:

A inteligência artificial demanda conhecimento e interação com o homem. “Por meio de contínua alimentação de dados, o sistema “entende” e “aprende” com os dados, o que lhe permite analisá-los e oferecer ao usuário do sistema soluções e respostas em tempo real”. (Feferbaum; Silva, 2018, p.203).

Associando tal conceito, com os trabalhos e estudos desenvolvidos no IFMA, é notório que tanto o

trabalho ou estudos desta caminhada já executada, se torna possível associar tal IA, pois primeiro se aprende, para poder se ensinar o sistema computacional de cada recurso midiático oferecido. Os AVAs da Instituição são mecanismos dirigidos ou de discussão provocantes a cada envolvido e o docente é mero mediador de discussão com feedbacks que se faz a cada participação. Enquanto os Moodles é a ferramenta usada na plataforma que ajuda os professores formadores/ tutores em cada disciplina, num ambiente que propicie uma navegação mais objetiva para aperfeiçoamento de tarefas para ambos os lados.

Tal demanda é fruto da IA, que reflete o trabalho da Inteligência Humana, o Moodle é o sistema que permite o acesso para uso adequado por cada boxes. As investidas no ensino EaD cresce a cada ano, os sistemas Online envolvem mecanismos que é o diferencial. Os alicerces na EaD são reforçados por (Semensato; Francelino; Malta,

2015, p.30), quando frisam que: “[...] é uma modalidade de educação efetivada através do uso de tecnologias de informação e comunicação, na qual professores e alunos estão separados fisicamente, seja no espaço e/ou no tempo [...]”, ou seja, as demandas a serem executadas no IFMA é desta forma, em alguns cursos que esporadicamente se encontram nos polos de apoio para realização de encontros exigidos por alguns de seus cursos.

O Instituto Federam do Maranhão tem legislações internas, são decretos que normativas o funcionamento dos seus cursos, sendo presenciais ou não, todos têm suas resoluções, mas partem do que, políticas públicas que fortaleceram seus pareceres. Se destaca a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, abordando a EaD no país, firmando-se o ensino diferenciado e dependente de máquinas e de uma internet de qualidade. Tal documento frisa o Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005, onde

regulamenta tal modalidade reforçando no art. 1º: “[...] a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação [...]”. (BRASIL, 2005, p.1).

Compreende-se que o IFMA é uma inspiração tecnológica, pois a maioria de seus cursos são voltados para a eficiência e o uso do digital. Tanto é que há uma especialização denominada de Informática na Educação, curso este voltado para a eficiência das IA, habilitam graduados para desenvolverem softwares educativos que propiciem um melhor trabalho docente em favor de um ensino melhor, além de servir de forte subsídio para o corpo docente, onde podem aperfeiçoarem melhor suas práticas inovadoras em seus processos de ensino.

Assim, percebe-se que o IFMA se torna, e, é um exemplo claro de Inteligência Artificial partindo das habilidades humanas no pensar e repensar em cada etapa favorável que a máquina propicia ao homem

no desenvolvimento de tarefas e demandas que se almeja executar em favor da modalidade EaD, envolvendo o uso de AVAs e Moodles eficientes e colaborativos que se diferenciam no modelo a distância que já se destaca em alguns anos. Acreditasse que as IA são técnicas especiais que guardam grandes abordagens que decodificam o bom uso da máquina nas Inteligência Humana e o IFMA é um forte provedor desta eficácia tecnológica na formação do homem, para o bom avanço na exploração de tais aperfeiçoamentos de uso e criação que favorecem mais estudos de outros pesquisadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por esta vasta exposição sobre o emprego e o uso dos AVAs e Moodles no sistema de ensino do Instituto Federal do Maranhão, é que se percebe o quanto a Inteligência Artificial, se fez e faz importante

no trabalho pedagógico dos docentes e no processo de estudo e aprendizado dos discentes. No IFMA tais recursos digitais são fundamentais para avanços nos progressos dos estudantes, nas esferas educacionais dos níveis superiores e outras modalidades. As ofertas dos cursos nas modalidades EaD ou Online é um fruto de muitos avanços.

Acreditou-se que teoricamente a Inteligência Artificial propõe recursos de padrões sofisticados, se uso tal Instituição como exemplo de demandas colaborativas no ensino superior, pois ambos ajudam na realização de demandas em diferentes esferas. Em se tratando de uma academia com ampla oferta de uso do sistema online ou EaD, é notório o quanto o aprendizado de professores e alunos evoluem, pois é um espaço onde as IA fazem a diferença no trabalho humano.

Embora se teve um discurso teórico sobre a eficiência das IA, é perceptível entender que o ensino se torna mais prático, quando se embute a

colaboração de sistemas que explora a Inteligência Humana. As vantagens se sobressaem nas desvantagens diagnósticas, sendo que quanto mais cedo, melhor é a ação do homem na correção, pois o Moodle são excelentes ferramentas de ensino e aprendizado.

Tratou-se de uma análise crítica sobre a Inteligência Artificial, numa revisão teórica, partindo das vivências e experiências no caminho docente, com a segurança que se tem e se precisa para desenvolver bons trabalhos. afirmou-se que como docente na modalidade EaD é imprescindível que não a formação no bom uso da tecnologia, pois o homem está sempre evoluindo com suas novas descobertas e como usuário desta mesma modalidade se teve uma experiência que se precisou na base para se chegar onde chegou-se como docente.

Reforçou-se nestas entrelinhas que os objetivos nesta construção, numa proposta de realização num

referencial teórico bibliográfico, acerca da inserção desta Inteligência Artificial, associada aos AVAs e Moodles nos cursos Online ou EaD, com uma rica explanação de aplicações bem mais sucedida no uso da boa ferramenta digital, não desassociadas da navegação da internet, para que as IA nas Instituições de ensino, em especial no IFMA como docente e discentes usuário destes meios foram demonstrados, além de ficaram visíveis aos interlocutores nesta construção.

Consolida-se afirmando que o ensino e aprendizado com foco numa colaboração, através dos diversos tipos de AVAs ou Moodles são recursos que, diante dos objetivos no estudo foram claros nesta investigação sobre a Inteligência Artificial, não obstante na dissociação da inteligência humana, pois uma surgiu, por conta da outra e que dá fortes subsídios no espaços acadêmicos, tendo como recurso o uso das tecnologias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. (1996). Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.**

Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC.

BRASIL. (2005). **Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005.** Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2005.

BROUGHTON, V. (2019). **“The respective roles of intellectual creativity and automation in representing diversity: human and machine generated bias.”**

Knowledge Organization 46(8): 596–606.

doi:10.5771/0943-7444-2019-8-596.

DALGALARRONDO, P. (2008). **A Inteligência e suas Alterações.** In: _____. Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 277-289.

DOMINGOS, P. (2017). **O ALGORITMO MESTRE. SÃO PAULO:**

Novatec. Feferbaum, M.; Silva, A. P. da.

Direito e mudanças tecnológicas: automação, inteligência artificial e os novos desafios do ensino jurídico. Revista de Direito e as Novas Tecnologias.

Ano1. vol.1. out-dez/2018., Revista dos Tribunais.

p.199-216.

LE COADIC, Yves-François. (1996). **A Ciência da Informação**. Brasília, DF: Brique de Lemos.

MCCARTHY, J. (2007). “**What is artificial intelligence?**”. John McCarthy's Home Page, 12 de novembro de 2007. <http://www-formal.stanford.edu/jmc/whatisai.pdf>.

OLIVEIRA, A. (2019). **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL. LISBOA:** Fundação Francisco Manuel dos Santos.

NUNES, A. I. B. L.; SILVEIRA, R. do N. (2011). Inteligência. In: _____. **PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM:** processos, teorias e contextos. 3. ed. Brasília: Líber Livro, p. 149-161.

OLIVEIRA, A. (2019). **Inteligência Artificial**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

POLSON, N.; JAMES S. (2020). **Inteligência Artificial**. Amadora: Vogais.

RUSSEL, S.; Peter N. (2013). “**Parte I: Inteligência Artificial**”. Em *Inteligência Artificial*, 22-60. Rio de Janeiro: Elsevier.

SEMENSATO, M. R.; FRANCELINO, L. de A.; MALTA, L. S. (2015). **O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA**

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. REVISTA CESUCA VIRTUAL:
conhecimentos sem fronteiras, v. 2, n. 4, ago.

TEGMARK, M. (2019). **LIFE 3.0:** ser-se humano na era da Inteligência Artificial. Alfragide: D. Quixote.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA UMA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Janayna Silva Franco Bezerra ²

Leticia da Silva Carvalho ³

Paula Leonete Viana ⁴

A prática pedagógica inclusiva tem se mostrado uma importante abordagem no âmbito educacional, uma vez que busca garantir que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento, independente de

²Serviço Social (PITÁGORAS) CRESS 6445; Técnico em Multimeios Didáticos (IFMA). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0327-1487> ; E-mail: jana18vggw@gmail.com

³Pedagogia (IFMA); Especialização em práticas assertivas em Gestão do PROEJA (IFRN); Gestão Escolar (UNIASSELVI); Educação a distância: Gestão e tutoria (UNIASSELVI); Administração Escolar, Supervisão e Orientação (UNIASSELVI). Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4751-0186>; E-mail: leticiaexecutiva@hotmail.com

⁴Pedagogia (UVA); Educação de Jovens e Adultos (IFRN); Educação Inclusiva (CAPEM); LIBRAS, tradução e interpretação (UNIASSELVI); Professora em SEMED de Paço do Lumiar e São José de Ribamar. .Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6059-8795> ;E-mail: vianapaula050@gmail.com

suas particularidades e diferenças individuais. Nesse contexto, a avaliação da aprendizagem se torna uma ferramenta fundamental para avaliar o progresso dos alunos e orientar a prática pedagógica.

Porém, para que a avaliação seja inclusiva, é necessário que o professor adote uma postura aberta e flexível em relação às diferenças e necessidades dos alunos, assim como também considere a diversidade cultural, linguística e cognitiva que compõem sua sala de aula. Isso implica em uma abordagem adaptativa e em uma variedade de formas de avaliação, para garantir que todos os alunos possam demonstrar seus conhecimentos de maneiras diferentes e serem avaliados de forma justa.

Assim, uma prática pedagógica que considera a inclusão como um valor fundamental é capaz de contribuir significativamente para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual todas as pessoas possam exercer sua cidadania

plenamente e alcançar seu potencial máximo. Além disso, a prática pedagógica inclusiva para a avaliação da aprendizagem também envolve a construção de um ambiente colaborativo e participativo, em que o professor e os alunos trabalhem juntos em busca de objetivos comuns e possam aprender uns com os outros. Dessa forma, a avaliação da aprendizagem não é vista apenas como um momento de julgamento ou classificação, mas sim como um processo contínuo de aprendizado e desenvolvimento.

Outro aspecto importante da prática pedagógica inclusiva é o papel do professor como facilitador do aprendizado, em vez de apenas transmissor de conhecimento. Isso implica em uma abordagem centrada no aluno, em que o professor busca conhecer as necessidades, interesses e potencialidades de cada aluno, e utiliza estratégias de ensino que atendam às suas particularidades. Essa abordagem permite que os alunos se sintam mais

motivados e engajados no processo de aprendizagem, o que favorece o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais para a vida.

Desta maneira objetiva-se a partir deste trabalho compreender como ocorre a avaliação na perspectiva inclusiva dentro do campo pesquisado, e como objetivos específicos que de descrever a avaliação inclusiva, de indicar as práticas pedagógicas na visão inclusiva e de elencar as práticas que levam à inclusão.

Sendo assim, a prática pedagógica para uma avaliação da aprendizagem na perspectiva inclusiva é um processo contínuo e dinâmico que busca garantir a equidade e a igualdade de oportunidades de aprendizado para todos os alunos, independentemente de suas diferenças individuais. Isso envolve uma abordagem adaptativa, flexível e centrada no aluno, que valoriza a diversidade

cultural, linguística e cognitiva da sala de aula e promove um ambiente colaborativo e participativo.

Ao adotar uma prática pedagógica inclusiva, o professor é capaz de contribuir significativamente para o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais para a vida, e para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, essa abordagem requer um compromisso constante com a formação e atualização profissional, de forma a estar sempre atualizado em relação aos conceitos e metodologias que favorecem a inclusão e a igualdade no ambiente escolar.

Por fim, a prática pedagógica inclusiva para a avaliação da aprendizagem requer um compromisso constante do professor em relação à formação e atualização profissional, uma vez que essa abordagem envolve a compreensão e a aplicação de conceitos e metodologias que vão além do modelo tradicional de ensino. Dessa forma, é

fundamental que o professor esteja sempre em busca de novas informações, recursos e práticas pedagógicas para aprimorar sua atuação e contribuir para o sucesso acadêmico e pessoal de todos os alunos.

METODOLOGIA

Toda pesquisa primeiramente precisa ser definida de acordo com os objetivos que se pretende alcançar, ou seja, um planejamento de acordo com o objeto estudado. Assim, Gil (1994, p.71) frisa que: “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Sendo assim, para se realizar este trabalho adotou-se como critério a priori consultas bibliográficas para o aprofundamento do tema proposto, a fim de se

aproximar dos estudos já realizados com outros autores que abordem a temática.

Após este momento de consultas em muitas fontes seguras, se realizou a visitação de campo que pretende, enriquecer e responder a problemática levantada, para tanto, se aponta Gonçalves (2001, p.67) que demonstra a ida a campo como momentos de: “[...] buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto.”, desta forma, salienta-se que, se tem como universo de visitação uma unidade básica de ensino, que vem descrita mais abaixo.

Ressalta-se que o presente estudo teve como abordagem uma pesquisa qualitativa, sendo que este tipo de abordagem é “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. (CRESWELL, 2010, p. 43). Sendo assim, percebe-se que toda pesquisa acadêmica necessita de uma

interpretação independente de qual cunho for, para que o investigador desenvolva novas abordagens.

O local da pesquisa foi em uma instituição pública denominada de Unidade de Educação Básica Vereador José Carlos Costa Pereira, situada num bairro periférico da Cidade de Paço do Lumiar, no Estado do Maranhão. A referida escola é reconhecida pela resolução 146/99 do Conselho Municipal de Educação e tem como entidade mantenedora a Secretaria Municipal de Educação-SEMED.

Atualmente a escola atende no total 924 alunos matriculados, funciona nos turnos diurno e noturno, funcionando com 12 salas distribuídas da seguinte forma para o turno matutino que se realizou a pesquisa, no horário das 7:10 às 11:40h: 2 turmas de 1º ano (A e B); 2 turmas de 2º ano (A, B); 2 turmas de 3º ano (A e B); 2 turmas de 4º ano (A, B, C); 3 turmas de 5º ano (A, B e C).

Para os sujeitos desta pesquisa, realizou-se a entrega do termo de consentimento livre e esclarecido-TCLE para um total de 7 professores, pois apesar de ser aplicado em 6 turmas sendo elas: 1ºA; 1ºB; 2ºA; 2ºB, 3ºA e 3º B, uma das turmas do 1º ano possui uma professora substituta para os dias em que a professora titular se encontra ausente por estar contemplada com a redução de sua carga horária de trabalho, sendo assim foi considerado as respostas também desta professora.

Após a ciência e consentimento das partes envolvidas, como instrumento de coleta de dados realizou-se um questionário semiestruturado, pois o questionário "é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito" (MARCONI & LAKATOS,1996 p.100). Ressalta-se que aplicação do questionário ocorreu de forma presencial, no qual cada uma das participantes tiveram um prazo de 10 dias para retornarem com ele preenchido. Como

método de análise dos dados, realizou-se a análise de conteúdo baseado em Laurence Bardin.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Quando se fala em educação inclusiva em muitas vezes volta-se o pensamento para a educação especial, ou seja, na inclusão dos alunos com deficiência, no entanto pensar a educação na perspectiva inclusiva vai mais além, é poder fazer com que todos possam ter acesso e permaneçam na escola, e está permanência depende de fatores.

Tem-se as avaliações que são realizadas, sendo que “[...] a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.” (MANTOAN, 2015, p.16). Assim, a inclusão vai partir do

conhecimento do que realmente se trata para que seja colocada em prática as ações necessárias que fomentem tais teorias nestas ações docentes do cotidiano.

Segundo Ropoli et al (2010, p.15), trata que a educação inclusiva:

Concebe a escola como um espaço de todos, no qual os alunos constroem o conhecimento segundo suas capacidades, expressam suas ideias livremente, participam ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvem como cidadãos, nas suas diferenças. Essas escolas reúnem, em seus espaços educacionais, os alunos tais quais eles são: únicos, singulares, mutantes, compreendendo-os como pessoas que diferem umas das outras, que não conseguimos conter em conjuntos definidos por um único atributo, o qual elegemos para diferenciá-las.

Partindo das palavras de Ropoli et al, se percebe os alunos estão em comum somente por estarem na mesma etapa escolar, mas isso não vai significar que possuem as mesmas características, o

mesmo nível educacional, mesmas dificuldades, pois como mencionado são seres humanos e cada um possui suas particularidades e suas singularidades, que não é motivo para ser melhor ou pior, mas requer a atenção na prática docente, que deve ser redobrada não causando um processo de segregação na sala de aula.

Enquanto que “O conceito de segregação envolve a organização em grupos considerados iguais. Separa as pessoas com deficiência das sem deficiência, em espaços específicos.” (SANTOS; BARBOSA, 2016, p.39), e infelizmente esta prática acaba ocorrendo sem que o professor perceba e nos momentos avaliativos deixe determinados alunos fora do processo avaliativo, por achismo ou ideologias infundadas, desta forma, todos devem ser avaliados, sendo que cada um à sua maneira.

Mendes e Silva (2016, p.275) destacam que: “as práticas avaliativas tanto podem ser utilizadas a favor da efetiva democratização quanto para uma

exclusão mascarada, daí a importância de se discutir a teoria e a prática da avaliação das aprendizagens nesse contexto". Se comparando com o que Ropoli et al (2010, p.15) já dizia que: "as práticas escolares inclusivas não implicam um ensino adaptado para alguns alunos, mas sim um ensino diferente para todos, em que os alunos tenham condições de aprender, segundo suas próprias capacidades, sem discriminações e adaptações." Acredita-se que, o respeito as singularidades de alunos num processo de avaliação é um caminho que deve ser feito com todos e não apenas para alguns, por isso é importante repensar as práticas avaliativas.

Para Mantoan (2015), a maioria das escolas necessitam de uma modernização e uma reestruturação, pois no geral as dificuldades não são apenas dos alunos e sim no modo como a aprendizagem e o processo avaliativo é concebido, o que torna em muitos casos a avaliação engessada,

não sendo, portanto, inclusiva. Como pode-se observar na figura 1 a seguir:

Figura 1: Avaliação igual para todos



Fonte: Google Imagens. (2022)

A partir da figura 1, confirma-se o que Mantoan (2015) expressa sobre a necessidade de uma mudança de como ocorre a aprendizagem e na forma como se realiza os processos avaliativos, pois a figura 1 apresenta uma representação clássica da atuação em sala de aula, pois como chamar de seleção justa a partir do momento que todos se submetem ao mesmo tipo de exame sem levar em consideração suas particularidades? Assim, é no

espaço escolar, a educação inclusiva ocorre a partir do momento que se conhece e reconhece as singularidades de cada um, e a partir disso possa adaptar para práticas pedagógicas mais adequadas. Considerando, portanto, que:

A avaliação será inclusiva quando atender às necessidades educacionais de todos os alunos, ou seja, estiver **adequada ao perfil dos alunos**, considerando seus saberes prévios e as expectativas em relação ao seu desenvolvimento, assim, compreendendo-a como um momento da aprendizagem e permitindo que o aluno seja o protagonista do processo. (SILVA, A., 2016, p.128-129, grifos nossos)

E o perfil a ser considerado é único, e este trabalho não é uma tarefa tão fácil, porém extremamente necessária para que o aluno seja protagonista de sua formação, assim como menciona Audrey Silva (2016) que a avaliação é um direito do aluno, e a partir do momento que este vai protagonizando a sua aprendizagem, é seu direito

também saber como está sendo o seu desenvolvimento, ou seja, a partir das avaliações, para que estas possam refletir de maneira claro como está a construção do conhecimento e em quais pontos necessita melhorar. Só que isso só será possível quando existe a adoção de um processo avaliativo democrático, não é avaliar por avaliar, não é realizar um julgamento às cegas, ou como forma de punição aos alunos.

Assim como discutido ao longo do trabalho sobre diferentes tipos de avaliações da aprendizagem, elas são necessárias justamente por serem realizadas nos momentos oportunos para auxiliar a identificar dificuldades dos alunos e só podem ser colocadas em prática quando respeitam os seus alunos em suas dificuldades, e quando ofertam recursos adequados, a exemplo tempos a avaliação formativa discutida que é justamente para que se perceba a evolução na aprendizagem do aluno, só que existe um porém, pois:

A avaliação formativa só é coerente com a luta por uma sociedade democrática, justa, participativa e com igualdade de oportunidades, em que todos possam ter garantidas dignas condições materiais de vida e de acesso ao conhecimento socialmente construído. Só será coerente se considerar que o ser humano está em processo constante de constituição e desenvolvimento. Segundo essa visão, mesmo que em ritmos diferentes, todos são capazes de aprender, desde que assegurados os meios e os recursos necessários. (MENDES; SILVA, 2016, p.280).

Quando não existe uma adequação da avaliação ao perfil dos alunos, não adianta usar o melhor tipo de avaliação ou recurso, pois será em vão e não vai atender ao seu propósito educacional, que para Luckesi (2014, p.171) define a avaliação da aprendizagem “como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo.”, pois ela é uma ferramenta importante para que se abra as portas para

identificar e acompanhar os alunos no que mais necessitam durante o ano letivo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise volta-se para a categoria que trata da avaliação inclusiva, para isto realizou-se 4 (quatro) questões que serão apresentadas a seguir já com as respostas que foram obtidas, assim como uma análise dos discursos observados. A 1ª questão é sobre a avaliação na perspectiva inclusiva, no qual questionou-se: a avaliação deve ser inclusiva? E 100% responderam que sim, além de apresentarem algumas considerações a respeito, como está descrito a seguir na íntegra as falas de cada uma das participantes.

Quadro 1: A avaliação é inclusiva?

1ª Questão	Identificação	Respostas
A avaliação deve ser inclusiva?	Prof. A	“Deve ser diversificada mediante a adaptação do currículo as diferenças, necessidades educativas de cada aluno”
	Prof. B	“Sim, a avaliação é contínua. A partir do conhecimento de cada estudante e sua necessidade específica, equidade. ”
	Prof. C	“A avaliação inclusiva deve atender a especificidade de cada aluno dentro da sala de aula.”.
	Prof. D	“Sem processo inclusivo muitos ficarão de fora do processo avaliativo.”.
	Prof. E	Não justificou
	Prof. F	“Avaliar pode ser desigual e injusta se não considera as capacidades individuais.”
	Prof. G	“Cada aluno tem um nível de aprendizagem que não pode ser menosprezado.”

Fonte: Autoria própria a partir dos dados da pesquisa-junho (2022)

As respostas apresentadas que justificam a resposta de que as avaliações devem sim ser inclusivas foram bem pontuais, a exceção da Prof.^a E que não justificou, somente respondeu que sim. Como destaque traz-se aqui a fala da Prof.^a C que diz “A avaliação inclusiva deve atentar a especificidade de cada aluno dentro da sala de aula.”, o negrito aqui presente fez-se necessário para que se pudesse pontuar sobre o quanto a avaliação inclusiva é justamente um olhar mais sensível as especificidades de cada aluno, mesmo que este não seja exatamente um processo muito fácil de ser realizado, pois normalmente é um docente para 30 alunos ou mais.

Para Barbosa; Bublitz e Baruffi (2016) o docente precisa conhecer seus alunos, “para desenvolver uma avaliação coerente, é preciso conhecer as **especificidades de cada aluno** e avaliá-lo individualmente, de acordo com as suas

habilidades." (p.222). Sendo assim, não dá para falar em avaliação inclusiva sem que se respeite as capacidades individuais, o nível de aprendizagem e sem que se realize uma adaptação nos currículos, assim como fora devidamente e muito bem mencionado pelas participantes da pesquisa.

Para a 2ª questão fora questionado se em suas práticas pedagógicas existe a visão voltada para uma avaliação inclusiva? Se sim, de que forma? E como resposta 100% responderam que sim, e além do mais explicam como isto ocorre. A seguir tem-se as considerações de como estas práticas pedagógicas para uma avaliação inclusiva ocorrem:

Quadro 2: Práticas pedagógicas com visão inclusiva

2ª Questão	Identificação	Respostas
<p>Em suas práticas pedagógicas existe a visão voltada para uma avaliação inclusiva? Se sim, de que forma?</p>	Prof. A	<p>“Conhecendo as necessidades dos alunos e realizando atividades diversificadas.”</p>
	Prof. B	<p>“Tenho um aluno com TEA (Transtorno Espectro Autista) e os conteúdos e as atividades são adaptadas para o entendimento integral de todos.”</p>
	Prof. C	<p>“De acordo como o desenvolvimento de cada aluno o processo deve ser voltar para uma análise diferenciada.”</p>
	Prof. D	<p>“Identificando quais devem ser as práticas avaliativas mais adequadas para cada grupo de alunos.”</p>
	Prof. E	<p>“De acordo com as peculiaridades de cada aluno, faço uma forma de avaliação diferente.”</p>

	Prof. F	“ Avaliando individualmente e assim considerar o que havia de conhecimento, aprendizagens no início e no fim do processo.”
	Prof. G	“Realizando atividades adaptadas para os diferentes níveis de aprendizagem.”

Fonte: Autoria própria a partir dos dados da pesquisa-junho (2022)

As práticas pedagógicas são essenciais para que se concretize o processo de ensino aprendizagem para o aluno, pois não basta um discurso inclusivo, tem-se que perceber na sala de aula como isto ocorre. E avaliar de forma inclusiva vai exigir uma mudança de postura e autoconhecimento enquanto profissional, assim como é reforçado por Luckesi a seguir:

Essa é uma prática que exige de cada um de nós educadores: vínculo com a

profissão, formação adequada e consistente, compromisso permanente com a educação, atenção plena e cuidadosa com todas as nossas intervenções, a flexibilidade no relacionamento com os educandos. (LUCKESI, 2005, p. 34).

E esta atenção plena e cuidadosa mencionada pelo autor nas intervenções que o educando vai realizar pode ser percebida ao analisar as informações da pesquisa, a exemplo do que menciona a Prof.^a C que “De acordo como o desenvolvimento de cada aluno o processo deve ser voltar para uma análise diferenciada.”, ou seja, é enfatizada a flexibilização desse processo para que seja inclusivo.

Pode-se verificar que as formas mais utilizadas para que a prática pedagógica seja inclusiva foram a realização de atividades adaptadas, o que conversa diretamente com a realização de avaliações diferentes a depender da necessidade do aluno ou de um grupo de alunos, além disso, o

processo de avaliar individualmente mesmo que existam parâmetros a serem considerados, vai garantir e respeito os direitos dos alunos.

Quando questionado sobre **quais práticas avaliativas levam a inclusão na sala de aula?** Apresenta-se no quadro a seguir as respostas de cada uma das participantes da pesquisa.

Quadro 3: Práticas avaliativas que levam a inclusão

3ª Questão	Identificação	Respostas
Quais práticas avaliativas levam a inclusão na sala de aula?	Prof. A	“Atividades essas lúdicas que despertam a atenção dos alunos, histórias, vídeos, fichas com imagens coloridas, atividades motoras.”
	Prof. B	“A interação de todos os alunos com o conteúdo trabalhado.”
	Prof. C	“O docente deve conhecer o perfil de cada aluno, diagnosticando métodos que possam desenvolver seu aprendizado.”

	Prof. D	“Práticas que os alunos se sintam integrantes e incluídos nas atividades e ações diárias.”
	Prof. E	“Adaptar de acordo com a necessidade do aluno.”
	Prof. F	“Práticas de observação, atenção de modo individualizado, considerando o que foi consolidado a partir das necessidades individuais.”
	Prof. G	“Interação entre os alunos, a atividade adaptada entre outras formas.”

Fonte: Autoria própria a partir dos dados da pesquisa-junho (2022)

O que se pode observar nestas respostas é um alinhamento com outras respostas já dadas nesta categoria da avaliação inclusiva, no qual o foco é o conhecimento do perfil do aluno para que possa realizar avaliações, atividades e as aulas voltadas

para o desenvolvimento do aluno de maneira adaptada as suas necessidades.

Partindo disso, questionou-se, se **enquanto docente, sente-se preparado para realizar avaliações inclusivas?** E 100% declararam que sim estão preparadas. E esta preparação perpassa desde a sua formação e a experiência que possuem em sala de aula, assim como pode-se observar ao longo dos discursos nas respostas dadas, as professoras tentam trabalhar da mesma forma possível com a inclusão de seus alunos, inclusive com o olhar atento ao seu público da educação especial, pois são citados alguns alunos com deficiências específicas, como por exemplo com o transtorno de espectro autista-TEA. E este preparo para realizar avaliações inclusivas vai exigir do professor uma mudança de perspectiva, assim como menciona Mantoan na citação a seguir:

Ensinar, na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da

escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os seus níveis. Como já nos referimos anteriormente, a inclusão escolar não cabe em um paradigma tradicional de educação e, assim sendo, uma **preparação do professor nessa direção requer um design diferente** das propostas de profissionalização existentes e de uma formação em serviço que também muda, porque as escolas não serão mais as mesmas, se abraçarem esse novo projeto educacional (MANTOAN, 2015, p.43, grifos nossos).

Um ponto a ser ressaltado sobre a preparação do profissional quanto a realização de avaliações inclusivas é que os demais profissionais que fazem parte desse processo também devem estar alinhados a esta prática, apesar de este não ser o foco a ser discutido, porém é necessário que se mencione, afinal, o sistema educacional é formado não só pelos alunos e professores, e caso não exista, por exemplo, nas diretrizes da escola está pauta importante, principalmente em seu projeto pedagógico, esta

inclusão no processo avaliativo vai ficar mais distante de ser concretizado, mesmo que o professor seja ciente desta necessidade.

CONSIDERAÇÕES FINIAS

Em conclusão, a prática pedagógica para uma avaliação da aprendizagem na perspectiva inclusiva é uma abordagem fundamental para garantir a equidade e a igualdade de oportunidades de aprendizado para todos os alunos, independente de suas diferenças individuais. Essa abordagem requer uma postura aberta, flexível e adaptativa do professor, que considere a diversidade cultural, linguística e cognitiva da sala de aula e promova um ambiente colaborativo e participativo.

Ao adotar uma prática pedagógica inclusiva, o professor é capaz de contribuir significativamente para o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais para a vida, e para a

formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, essa abordagem permite que os alunos se sintam mais motivados e engajados no processo de aprendizagem, o que favorece o desenvolvimento de seu potencial máximo.

No entanto, é importante ressaltar que a prática pedagógica inclusiva requer um compromisso constante com a formação e atualização profissional, uma vez que essa abordagem envolve a compreensão e a aplicação de conceitos e metodologias que vão além do modelo tradicional de ensino. Dessa forma, é fundamental que o professor esteja sempre em busca de novas informações, recursos e práticas pedagógicas para aprimorar sua atuação e contribuir para o sucesso acadêmico e pessoal de todos os alunos.

Para que a prática pedagógica inclusiva seja efetiva, é importante que o professor leve em consideração as necessidades individuais de cada

aluno e adapte sua metodologia de ensino para que todos possam participar e aprender da melhor forma possível. Nesse sentido, é fundamental que o professor estabeleça um ambiente de respeito, confiança e empatia, em que os alunos se sintam à vontade para expressar suas opiniões e serem ouvidos.

A avaliação da aprendizagem também é um aspecto crucial da prática pedagógica inclusiva, devendo ser vista como um processo contínuo de monitoramento e acompanhamento do desenvolvimento dos alunos, e não apenas como um momento de avaliação final. Nesse sentido, é importante que o professor utilize diferentes estratégias e instrumentos de avaliação, como trabalhos em grupo, projetos, portfólios, entre outros, que possam permitir uma avaliação mais abrangente e justa.

Além disso, é importante destacar que a prática pedagógica inclusiva não se limita apenas à

sala de aula, mas deve ser estendida para toda a comunidade escolar, incluindo gestores, funcionários, pais e responsáveis. Isso implica em um trabalho conjunto e colaborativo, em que todos possam contribuir para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor.

Por fim, é importante ressaltar que a prática pedagógica inclusiva não é uma tarefa fácil, exigindo do professor um constante processo de reflexão e aprimoramento. No entanto, os benefícios são inúmeros, não apenas para os alunos, mas também para toda a comunidade escolar. A adoção de uma prática pedagógica inclusiva pode contribuir para a formação de indivíduos mais críticos, criativos, autônomos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Clarisse; BUBLITZ, Kathia Regina; BARUFFI, Mônica Maria. **Didática e a formação do professor**. UNIASSELVI, 2016.

CRESWELL, J. W. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola:** reelaborando conceitos e criando a prática. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Sobre notas escolares:** distorções e possibilidades. São Paulo: Cortez, 2014. 120 p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar:** O que é? Por quê? Como fazer? 1º.ed. São Paulo: Summus Editorial; 2015.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MENDES, Olenir Maria; SILVA, Natália Luiza. **Avaliação formativa no ensino superior**: avanços e contradições, Campinas, SP, mar. 2016.

ROPOLI, Edilene Aparecida. et al. **A educação especial na perspectiva da Inclusão Escolar**: a escola comum inclusiva. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. v. 1 (Coleção A educação especial na perspectiva da inclusão escolar).

SANTOS, Tatiana dos; BARBOSA, Regiane da Silva. **Educação inclusiva**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016.

SILVA, Audrey Debei da. **Didática**: planejamento e ação. Londrina: Editora e Distribuidora educacional. S.A, 2016.

A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA COMO FORMA DE COMPREENSÃO DA REALIDADE

Leticia da Silva Carvalho ⁵
Sandra Regina Soares Diniz ⁶

O sistema educacional manteve-se por muito tempo com uma visão reducionista no qual centrava a atenção na figura do professor, o que ao longo do tempo foi perdendo força, e centrando-se no aluno e na importância do seu comportamento frente aos conteúdos que são apresentados, exigindo-se do processo ensino aprendizagem que seja cada vez mais contextualizado.

⁵Pedagogia (IFMA); Especialização em práticas assertivas em Gestão do PROEJA (IFRN); Gestão Escolar (UNIASSELVI); Educação a distância: Gestão e tutoria (UNIASSELVI); Administração Escolar, Supervisão e Orientação (UNIASSELVI); Professora em SEMED de São Luis-MA. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4751-0186>; E-mail: leticidadasilvacarvalho1308@gmail.com

⁶Técnico em Serviços Públicos (UEMA). Servidora em Paço do Lumiar-MA. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8962-8997>; E-mail: sandrareginasoaresdiniz@gmail.com

E esta contextualização que aproxima o que é vista em sala de aula da realidade da sociedade, para que o indivíduo se torne pensante e não somente uma caixa de depósito de informações que não fazem muito sentido em seu cotidiano, e com isso abri os olhos para a realidade e com isso modificar no que for preciso desde comportamentos que são estão ao longo do tempo consolidados em nossa sociedade.

Desta forma faz se necessário pesquisar e analisar sobre o processo educacional com uma visão a partir da pedagogia histórico-critica e suas contribuições para que se uma maior compreensão da realidade.

Tendo em vista o que fora explanado, o presente trabalho apresenta como a pergunta norteadora da pesquisa “ Como a pedagogia histórico-crítica pode ajudar na compreensão da realidade?”, sendo assim, tem-se como objetivo geral Compreender a importância da pedagogia histórico-

crítica para a compreensão da realidade, e como objetivos específicos os seguintes: Estudar as características e aspectos da pedagogia histórico-crítica; Conhecer a relação da pedagogia crítica e escola e como terceiro objetivo o de elencar os agentes da pedagogia histórico-crítica.

O presente trabalho está estruturado nesta introdução, nas discussões sobre a pedagogia histórico-crítica e sua relação com a escola, assim como os agentes na pedagogia histórico-crítica, com citações de autores relevantes que tratam sobre o assunto abordado e posteriormente as considerações finais sobre o estudo realizado sobre esta temática.

REVISÃO DE LITERATURA

Para começar a explorar a temática da pedagogia histórico-crítica, têm-se que a pedagogia crítica é uma filosofia educacional que tem como um

lema o princípio de que os estudantes desenvolveram uma consciência de liberdade e mas que isso reconhecer em seu cotidiano tendências autoritárias, portanto na pedagogia crítica necessário que o aluno atinge uma consciência crítica na sua fase educacional adquirindo conhecimentos teóricos para além de provas, o indivíduo consciente da realidade que o rodeia.

Percebe-se que com a pedagogia crítica abordagem de ensino ao qual os estudantes estarão submetidos é aquela que os levam a questionar e mudar práticas que muitas vezes estão consolidadas, mudando paradigmas no qual o professor servirá de guia aos alunos, sendo necessário também que o docente esteja preparado e aberto as práticas que fomentem este movimento educacional libertador.

Este processo não é nada fácil pois vai de encontro há muitos anos de uma educação tradicionalista, e mais ainda de uma a sociedade ao qual ainda não está preparada para refletir pensar

junto com os que estão aprendendo, pois esse processo de questionamento do estudante é algo natural, o que ocorre é a criação de uma barreira sobre estes questionamentos levantados, porque não pode ser alimentado ao contrário quanto mais o aluno e mais cedo ainda questionar se sobre a sociedade em que vive este poderá partilha de um sentimento e de conhecimentos para modificar a realidade.

Elenca-se a seguir as principais características e alguns aspectos fundamentais na pedagogia crítica:

- Existe a necessidade dá formação de uma autoconsciência;
- Têm-se como finalidade do processo de aprendizagem a transformação da realidade social;
- No sistema educacional é necessária uma postura em que se contemple as mais diversas diferenças sempre com valores de justiça igualdade;

- A superação através do ensino com relação ao contexto social e cultural ao qual se vive;
- Além da questão da transformação da sociedade, é importante que este processo se inicie no ensino aprendizagem com a contextualização para que assim exista uma proximidade do aluno com a realidade para além dos muros da escola;
- Um aspecto relevante da pedagogia crítica é sobre combater os atos e comportamentos tanto político culturais ou econômicos que acaba degradando o sistema educativo;

Todas as características ou aspectos apresentados são relevantes e focam bastante na questão da transformação da sociedade através do sistema educacional quando o aluno é deixado questionar a realidade presenciada, para que então

possa agir sobre ela, e tudo isso será fruto de mudanças desde a forma como se trata o aluno da educação infantil ao superior, pois construir um ser questionar e atuante é desde a base.

Desta maneira, é necessária trazer a relação que existe entre a pedagogia histórico-crítica e a escola. Pois, a escola é fundamental no processo de aprendizagem do aluno, e quanto mais preparar o discente para atuação na sociedade, mais cumprirá seu papel, conforme Libâneo (1990, p. 39):

Em síntese, a atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhe um instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade.

De acordo com Libâneo (1990) a escola deve ter Como o papel em sua atuação o de preparar o aluno para enfrentar o mundo de forma adulta, em suas contradições proporcionando por meio de

conteúdos os instrumentos necessários para a sua socialização, e que ele tenha uma participação organizada e ativa no processo da democratização do meio social em que vive.

Dentro da tendência crítico-social dos conteúdos, o aprender é:

[...] desenvolver a capacidade de processar informações e lidar com os estímulos do ambiente, organizando os dados disponíveis da experiência. Em consequência, admite-se o princípio da aprendizagem significativa que supõe como passo inicial, verificar o que o aluno já sabe. O professor precisa saber (compreender) o que os alunos dizem ou fazem, o aluno precisa compreender o que o professor procura dizer-lhe. A transferência da aprendizagem se dá a partir do momento da síntese, isto é, quando o aluno supera sua visão parcial e confusa e adquire uma visão mais clara e unificadora (LIBÂNEO, 1990, p. 42).

Sendo assim, a partir da tendência crítico social dos conteúdos, tem-se o desenvolvimento de suas capacidades no processo de informações, onde

deverá aprender a organizar as informações adquiridas por sua experiência e aprender a encarar os estímulos por meio do ambiente. Ocorrendo como consequência disso princípio da aprendizagem significativa que terá como suposição na verificação daquilo que o aluno já aprendeu. É preciso que o professor compreenda o que os alunos dizem ou fazem, e que o aluno precisa entender o que o professor quer dizer.

Assim, o processo de aprendizagem acontece quando esse aluno aprendi a superar a visão parcial e confusa e desenvolve uma visão mais esclarecida e unificada. Saviani frisa que o indivíduo,

Indivíduo das camadas populares não domina os conteúdos culturais, por isso não podem defender seus próprios interesses, porque sim encontram desarmados contra os dominadores, os quais se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar sua dominação. (SAVIANI, 1999).

Percebe-se que hoje as escolas contemporâneas infelizmente adotam o método de ensino tradicional, onde existe uma distância muito grande entre os conteúdos oferecidos e absorvidos pelas escolas das elites e as escolas das camadas populares, é este modelo da educação é um aparelho ideológico das classes dominantes usado para defender seus próprios interesses, dando assim qualificação o trabalho intelectual e desqualificam os de trabalho manual, em oposição aos interesses das classes dominadoras as classes dominadas, não tem acesso aos conteúdos culturais para que possam lutar de forma ideológica ou seus próprios interesses, tornando-os desiguais impedindo-os de exercer a cidadania.

Depreende-se que é o mesmo com o processo de escolarização educação escolar que é oferecida às massas é ineficiente, portanto, sem êxito naquilo o que se espera de uma sociedade moderna.

Sendo assim, o resultado é uma população alienada a fazer e pensar aquilo que o estado lhe impõem e a divisão em classes sociais diversas, ao invés de formar cidadãos livres, autônomos e críticos em sua forma de pensar, impedindo desta forma o desenvolvimento dos seus valores, porque a escolarização tira a vantagem daqueles que querem dominar.

“Considerada um marco na educação brasileira, porém pouco praticada no cotidiano escolar, a Pedagogia Histórico-Crítica, teoria criada pelo pedagogo brasileiro Dermeval Saviani, tem como foco a transmissão de conteúdos científicos por parte da escola, porém sem ser conteudista. O ensino conteudista é aquele em que se passa uma quantidade enorme de conteúdo, sem se preocupar com o desenvolvimento intelectual, cultural e de raciocínio do aluno. A teoria de Saviani, no entanto, preza pelo acesso aos conhecimentos e sua compreensão por parte do estudante para que este seja inclusive capaz de transformar a sociedade.” (JACINTO, 2014, n.p.).

A escola tem o papel fundamental é garantir o acesso aos conteúdos que são necessários para que ocorra a construção do conhecimento intelectual, para que possa ser capaz de raciocinar de maneira lógica e mais do que isso, para que possa desenvolver o domínio do conhecimento científico e possa ter participação ativa dentro do meio social em que vive e está educação deverá revolucionar as práticas sociais e anular o modo de produção pelo capital que desvaloriza a mão de obra, sendo portanto uma função da escola a de elevar a cultura das classes exploradas para que saia da condição de vulneráveis diante das classes dominantes e tenha condições de lutar por seus objetivos.

Na Pedagogia Histórico-Crítica a educação escolar é valorizada, tendo o papel de garantir os conteúdos que permitam aos alunos compreender e participar da sociedade de forma crítica, superando a visão de senso comum. A ideia é socializar o saber sistematizado historicamente e construído pelo homem. Nesse sentido, o

papel da escola é propiciar as condições necessárias para a transmissão e a assimilação desse saber. (JACINTO, 2014, n.p).

Desta forma tem-se que a pedagogia histórico crítica, entende que a sociedade é injusta quando se trata da exploração do homem pelo homem, tendo como base que deve haver um outro tipo de organização social necessária para desenvolver a elaboração científica dos conhecimentos e das suas conquistas, cabendo à escola propiciar o saber a esses indivíduos, oferecendo portanto um saber que não seja de qualquer forma mas sim bem elaborado e isso que determinará o cumprimento da sua função política no papel de transferir e posteriormente que os alunos consigam assimilar os conteúdos principalmente os da classes populares, dando lhes condições de exercer a liberdade garantindo um espaço desta forma aos conteúdos culturais em defesa dos direitos que o aluno tem de apropriar-se de tudo o que for possível e extremamente necessário.

De acordo com Dermeval, para uma pessoa aprender a falar, ela não precisa da escola, mas para ler e escrever sim. "Os conteúdos acabam sendo sonogados da população, dos trabalhadores na verdade, porque a elite dominante tem escolas que asseguram esse acesso. Por isso é que defendo a valorização dos conteúdos e conhecimentos sistematizados. A escola tem de priorizar isso" (JACINTO, 2014,n.p)

Desta forma a escola tem que ter como prioridade os conteúdos os quais realmente precisam ser transmitido e realizar a seleção para que não acabe sobrecarregando o aluno de informações "desnecessárias", apresentando desta forma em seus conteúdos pedagógicos uma visão crítica, livre de um cidadão autônomo. Para que o processo de ensino aprendizagem não se torne algo desinteressante, que acaba impedindo o aluno de se empenhar em aprender, sendo fundamental o papel do professor em dispor dos critérios necessários para que o aluno consiga produzir e desenvolver o seu

próprio conhecimento ofertando uma educação que atenda aos interesses da maioria, tendo como prioridade desta forma explorar o potencial do aluno para que venha se apropriar dos saberes.

A função da escola, para a pedagogia histórico crítica, perpassa a produção e a Transmissão dos conhecimentos necessários a transformação da realidade humana a referida Transmissão, por sua vez, confere aos indivíduos a possibilidade de tornarem-se pertencente ao gênero humano, e não apenas representantes da espécie humana. no trabalho educativo são engendrados processos intencionais de planejamento, postulados por Saviani (2005,p.12), sobre o "conhecimento das propriedades do mundo real (ciência), e de valorização (ética) e de simbolização (arte)", pretendendo reproduzir, segundo o mesmo autor, "em cada indivíduo, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens" (idem, p.13). (DANGIÓ; MARTINS, 2018, p.10).

Segundo Saviani (1997, p.11) o homem "necessita produzir continuamente para sua própria existência". Desta forma, entende-se que o homem

pode transformar adaptando-a, retirando o que necessita para a sua existência e produzir novos meios que facilitam a sua vida, ou seja ajustando as suas necessidades.

Por conseguinte, cabe a escola a tarefa de transferir os conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos necessários à emancipação do homem e a democratização do saber sistematizado historicamente. Contudo a transmissão do referido acervo cultural representa um aspecto da educação, como um fenómeno amplo e complexo. sendo assim, o processo educativo cabe a tarefa de organizar o ensino e a aprendizagem, buscando atingir seu objetivo matricial: o desenvolvimento do ser humano em todos os seus aspectos e, em consequência, a disponibilização dos instrumentos fulcrais para a constituição da consciência na luta pela transformação da realidade injusta que ora se apresenta. (DANGIÓ; MARTINS, 2018, p.12).

Percebe-se que é através da educação e do conhecimento que o homem passa a ter consciência dos seus direitos e o papel como cidadão, entretanto

se a população não tem acesso à educação não pode haver democracia se esses conhecimentos lhe são negados, não tem portanto como ingressarem conscientemente na luta pela transformação social que tanto se almeja, para que mude essa realidade a teoria educacional deve desenvolver-se, abrindo espaço para criticidade, deixando de lado a prática tradicionalista.

Na concepção de Saviani (2003) o trabalho educacional existe para transmitir o conhecimento científico e não opiniões ou senso comum, sendo capaz de produzir o saber, o homem será capaz de elaborar suas próprias ideias e diversos conceitos. no processo educacional professor responsável por transmitir o saber pois é ele que tem as capacidades técnicas e o aluno deverá aprender os conteúdos para que possa ultrapassar o saber espontâneo adquirir o conhecimento sistematizado.

Segundo Saviani (2003, p.14), “[...] a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao

conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à popular”, e que não pode ser negligenciado devido a sua importância para fortalecer os conhecimentos que são necessários para a humanidade, não com o intuito de replica-los e sim de aproveitá-los para a construção de uma nova sociedade, partindo do que se já se conhece, que é necessário para a evolução humana.

Para Pimenta (2012) o ensino portanto é,

O ensino é uma prática social complexa. Realizado por seres humanos entre seres humanos, o ensino é transformado pela ação e relação entre os sujeitos (professores e estudantes) situados em contextos diversos: institucionais, culturais, espaciais, temporais, sociais. Por sua vez, dialeticamente transforma os sujeitos envolvidos nesse processo. (PIMENTA, 2012, p.17).

Compreendendo-se, desta forma que eu ensino acontece através do relacionamento social entre as pessoas, quando cada indivíduo consegue

transformar seu pensamento por meio das relações entre os sujeitos, pode ser através da fala ou da escrita ou qualquer outra forma de demonstrar que o ensino pode transformar a todos que participam desse processo, o mais diferente que seja realidade no contexto de cada um. Cabe a didática procurar saber em que contexto social o aluno está inserido historicamente falando a saber nas diversas áreas do conhecimento cultural isso se ao para assim anexá-los, pois o conhecimento do sujeito não é formado por experiências particulares está constantemente sendo elaborado desenvolvendo no homem um ponto de vista variado.

Além disso, faz-se necessário explanar sobre os agentes na pedagogia histórico-crítica, ou seja, aqueles que vão atuar diretamente neste processo. Para pedagogia histórico crítica, os agentes participantes vão além do aluno e professor, pois tem-se a escola que deve ser um local de Transmissão de conhecimento, que vai muito além do processo

ensino aprendizagem somente entre professor e aluno, pois é um espaço no qual o aluno terá oportunidade de interagir e de conviver, de preferência de forma democrática e harmoniosa, sendo essencialmente um espaço no qual visa a atuação na sociedade.

E dentro deste espaço escolar, outro agente, é o professor, no qual é necessário que se quebre a ideia de que somente este detém o conhecimento, pois na pedagogia crítica, o docente vai ser aquele que possui um entendimento sintético da prática social, mesmo que de forma deficitária.

Para o aluno, deixa de ser aquele que nada conhece e que precisa ser disciplinado, sendo aquele portanto, que agora possui um entendimento sincrético da prática social, pois é fruto de diversas visões ou doutrina. A seguir tem-se o conhecimento que é considerado um patrimônio da humanidade pois através deste é que o homem se orienta para a sua prática social.

Na pedagogia histórico-crítico como elenca-se como etapas do método de ensino as seguintes:

- prática social inicial;
- problematização;
- instrumentalização;
- catarse;
- prática social final

Como primeira etapa do método de ensino que é a prática social inicial para Araújo (2009) “a prática social inicial implica em conhecer a experiência de cada aluno, sua memória e seu saber prático”. Na segunda etapa Saviani (2008) expressa que na problematização é o momento que se terá aproximação com as questões sociais e que estimulará o pensamento crítico do aluno.

Para o mesmo autor a instrumentalização que é a etapa seguinte é quando o docente terá o cuidado em explorar conceitos e exemplificar o conteúdo exposto de forma fundamentado cientificamente, ou seja, tem que explicar a lógica

das coisas e não simplesmente dizer que é assim e pronto.

Na catarse, vai ser quando o aluno compreende o assunto de forma científica, organizando, portanto, as ideias de maneira adequada aos conhecimentos científicos disponíveis, e enfim chega-se à prática social final, que é justamente de posse dos conhecimentos poder fazer a diferença na sociedade, não somente guardar para si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações apresentadas neste trabalho, percebe-se que a compreensão realidade vivenciada por cada um, vai depender muito de como este ser humano foi se construindo ao longo do tempo, pois aqueles que são barrados e muitas vezes não colocados a postos a boas oportunidades de educação ficam travados ou até mesmo servem

como reprodutores da realidade que vivencia sem ao menos questionar.

Na pedagogia histórico crítica o foco principal é levar a aos indivíduos a questionarem sobre sua realidade e poder desta forma modificar, quebrando paradigmas, e mais ainda assim como foi exposto, no processo ensino aprendizagem deixar espaço aberto para que o aluno questione e perceba ao sistema que está submetido, e a partir disso possa refletir e propor mudanças.

O sistema educacional é fruto de uma longa jornada, portanto modificá-lo para que sempre dê espaço a visão crítica não é uma tarefa muito fácil, pois os agentes desse processo tanto os professores quanto alunos, e além destes a comunidade escolar como um todo devem comungar desta visão para além da escola, desta forma pode-se aos poucos ir criando uma forma de pensar e viver em sociedade que não seja aquela em que o homem é oprimido pelo homem.

Sendo assim uma tarefa árdua, pois muitos docentes ainda em sala de aula adotam postura tradicionalista e alunos que refletem seu comportamento na escola de como é em família, ou seja, aquele que deve obedecer aos mais velhos e aceitar o que os outros dizem como se fosse verdade absoluta, no entanto, não é assim que se constrói uma sociedade libertadora, na verdade somente reproduz-se a opressão.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Doracina Aparecida Castro. (2009). **Pedagogia histórico-crítica:** proposição teórico metodológica para a formação continuada. Anais do Sciencult, 2009. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/artic le/view/3443> . Acesso em 10.DEZ.2021.

DANGIÓ, Meire Cristina dos Santos; MARTINS, Lígia Márcia. **A alfabetização sob o enfoque histórico-crítico:** contribuições didáticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

FRANCO, Maria Amélia S. PIMENTA, Selma G. (org) **Didática:** embates

contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

JACINTO, Daniela. **Criador da pedagogia histórico-crítica fala sobre o papel da escola**. 2014. Disponível em:

<https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/536125/criador-da-pedagogia-historico-critica-fala-sobre-o-papel-da-escola> . Acesso em 09. Dez. 2021 .

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 9. ed.. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8ª ed. Campinas, SP: Autores associados, 2003.

SAVIANI, Dermeval. (2008). **Escola e democracia**. Edição comemorativa. Campinas – SP: Autores Associados.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 32 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1999.

SAVIANI, Demerval. **Sobre a Natureza e Especificidade da Educação**. Pedagogia Histórico-

Crítica (pp. 11-22). Campinas: Editora Autores Associados, 1997.

ORIENTAÇÃO SEXUAL: Respeito as Diferenças de Gênero na Escola

Nivaldo Pedro de Oliveira ⁷

Na atual conjuntura em que vive-se atualmente os contextos relacionados a sexualidade, é muito bom de se trabalhar determinadas temáticas com discussões que só cresce a cada dia, pois estas abordagens são reflexíveis nos temas curriculares, educacionais e sociais para as identidades de gênero, sexo ou escolha de sexualidade que vem transformando princípios discriminatórios dentro dos espaços escolares, que por sua vez refletem também fora das escolas, visto que, há leis que garantem a proteção contra qualquer tipo preconceitos e discriminações sociais.

⁷ Letras (UNITINS), Pedagogia (UNIMES), Educação Especial (FAVENI), Biologia (FAVENI), SEMED (Paço do Lumiar / São José de Ribamar / São Luís), SEDUC (São Luís), Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9148-2783>, E-mail: nivaldop.oliveira@hotmail.com

Compreende-se que os meios de comunicação já demonstram fatos reais de desrespeitos nas diversas esferas midiáticas, agressões físicas, casos de bullying e cyberbullying que torna-se centro de reflexões para grandes campos de estudos. Sabe-se também que todas as pessoas têm os mesmos direitos e deveres, pois a Declaração Universal dos Direitos Humanos que adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em sua (resolução 217 A III), publicada no dia 10 de dezembro do ano 1948, traz em seus artigos apontamentos quanto a proteção contra qualquer discriminação.

Solidifica-se em suas estruturas que os referidos artigos nesta declaração deixam claro que, todo ser humano sem distinção de qualquer natureza, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política, até de outra natureza, origem nacional, social ou riqueza, ou seja, é necessário que se tenha e reforce tais conceitos ideológicos e práticos de direitos humanos,

baseados em leis já existentes, para que se trabalhe de maneira mais firme e no intuito de que os direitos de escolhas seja respeitado.

As escolas apresentam como função social e básicas as garantias das aprendizagens dos conhecimentos, habilidades e valores que, quando bem preparados são necessários para a integração social de todas as pessoas, por isso, faz-se necessário integrar ainda mais esta temática nas disciplinas escolares, sendo que propicia novos domínios de reflexões sociais e culturais, não estando atrelada apenas na escrita, leitura, artes, nos cálculos ou das ciências, sem reflexões mais aprofundadas que os estudantes necessitam sobre os temas transversais, sendo de gênero ou não.

Neste sentido, viabilizando tais ações investigativas para a elaboração de trabalhos mais interdisciplinares e transversais, que campanhas de sensibilizações para o respeito às diferenças de gênero, palestras com esclarecimentos sobre

identidade e orientação sexual, faz com que estudantes possam refletir mais sobre, algumas brincadeiras que inicialmente pode até parecer sem intenção, mas que de fato machucam bastante o outro.

Faz-se necessário que as escolas dê uma maior importância formadora no tema proposto, pois opiniões e personalidades deverão ser mais respeitadas, um dos principais fatores para se ter cidadãos sociais mais reflexivos, é a oferta de formações para o corpo docente, sobre a temática a ser trabalhada de maneira interdisciplinar, o adentramento de profissionais especializados (professores de ciências biológicas, psicólogos, assistentes sociais), além da equipe multidisciplinar dos Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e Conselho Tutelar que devem promover e colaborar nas comunidades escolares de maneira tão importante.

Afirma-se que os estudantes já possuem acesso às informações diversas, por meio das mídias, mas quando as mesmas são exploradas como opção de formação, pode sensibilizar o tema transversal proposto, sendo que também perpassa por investigações minuciosas, seguindo orientações reflexíveis não rígidas ou predeterminadas por grupos discriminatórios fechados e a parceria entre docentes, discentes e família na luta em minimizar os preconceitos diversos nas diferenças sexuais ou nas questões de gênero para com que as pessoas ampliem suas experiências com o outro na sociedade.

Por isso, compreende-se que discutir acerca de sexualidades se faz necessário, para a desconstrução preconceituosa e discriminatória, sendo elas concepções educacionais, sociais, culturais ou religiosas, pois o ser humano é livre em suas escolhas. Para tanto, as escolas por serem espaços de discussões sociais e de formadores de opiniões,

apresentam complexidades no discutir temas investigativos, geradores de desconfortos e tidos como quebra de tabus. Têm-se a sigla (LGBTQIA+), que apresenta significados de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e mais outras identificações que cada indivio se identifica de maneira lucida.

REVISÃO DE LITERATUA

Compete as escolas promover aos docentes espaços, que proporciona momentos de reflexões e orientações aos alunos, sobre tais tematicas já introduzidas neste artigo e que esclareçam dúvidas, sendo que o professor bem capacitado com uma equipe de apoio e órgãos interligados entre a comunidade escolar e familias, sem falar da oferta dos projetos intersidiplinares envolvendo as demais disciplinas, aliados a um plano de ação da esquipe gestora que o professor de Ciências ou Bilolória

teram mais autônomo em inserirem em seus trabalhos didáticos pedagógicos, uma oferta de aulas mais atrativas com um tema tão atual e que reflete no social.

Considera-se que a prática envolvendo os estudantes em seus experimentos ou observações, podem aprenderem de maneira significativa, ou não dizer por sua autonomia, somente com as observações de certas ações com a interpretação as vezes limitada não traz ou oferece o resultado esperado que se deseja que o estudante aprenda. Entende-se também que o ensino por meio da investigação é capaz de fazer o aprendiz ir na busca das novas informações. Importante destacar que quando o professor sabe propor este espaço de observação e discussão entre os aprendentes, com sua ajuda fica claro que a aula flui sem deixar de lado o currículo escolar.

Em tratando-se de buscas e respostas que leve o respeito ao outro, a partir de uma problemática

social e real dos dias atuais requer do ensinante e aprendente uma postura culturalmente relevante, no cumprimento de investigações não alienadas, pois os experimentos inspiradores traz na própria observação em sala de aula uma retomada valores, que ajuda em qualquer experimento. Desta forma, se traça uma nova trajetória comportamental sobre o ensino por investigação.

O artigo trata e tem como objetivo contribuir para as reflexões, na preservação do respeito entre os estudantes na comunidade escolar, e que um trabalho bem selecionado ou planejado, com uma temática que gera os desconfortos em se falar, no entanto, ao falar-se da problemática em sala de aula ou em casa surgindo com o intuito de promover ações de respeitos mais sólidos com o próximo, para que o ser como social seja respeitoso, diante das muitas diferenças existentes; onde as discursões soaram de forma adulta, sem criticar e com práticas pedagógicas que ajude para a cidadania, pois seus

valores culturais, sociais e familiares evitando os problemas emocionais e psicológicos sendo tratados de forma crítica.

É pertinente o que os autores abaixo apontam:

Ser consistente com a natureza da investigação científica e que os estudantes deveriam estar a par das coisas ao seu redor como dispositivos, organismos, materiais, formas observando-os, coletando, manipulando, descrevendo-os, fazendo perguntas, discutindo e tentando encontrar respostas para suas perguntas. (RODRIGUES e BORGES, 2008, p.10).

Apresenta-se relevância sobre os escritos que fundamenta práticas no ensino das Ciências e torna no trabalho posto em prática, com concepções que se relaciona nas aprendizagens dos estudantes sobre o conhecimento científico. Já para Ostermann e Moreira (1993, p.117), frisam que: “O conhecimento científico é produzido por indivíduos que pensam, sentem e fazem – como, de fato, o é – e se há uma constante interação entre pensar, sentir e fazer –

como, de fato, há – então, o método científico tal como é ensinado, não existe.”.

Certas concepções do ensinar uma ciência por meio da investigação, busca uma compreensão de natureza interna para o externo dos envolvidos, esta investigação denominada de científica só que, em outros contextos promove a observação clara e ativa dos envolvidos, pois uma roda de conversa para reflexão após exibição ou apresentação de uma temática que os levem a refletirem, é uma observação constante de interação no pensar crítico, sem manipulação ou interrupção do outro nas reflexões apresentadas.

A mesma BNCC (2018) assegura para o conhecimento científico:

Os processos e práticas de investigação merecem também destaque especial nessa área. Portanto, a dimensão investigativa das Ciências da Natureza deve ser enfatizada no Ensino Médio, aproximando os estudantes dos procedimentos e instrumentos de investigação, tais como: identificar

problemas, formular questões, identificar informações ou variáveis relevantes, propor e testar hipóteses, elaborar argumentos e explicações, escolher e utilizar instrumentos de medida, planejar e realizar atividades experimentais e pesquisas de campo, relatar, avaliar e comunicar conclusões e desenvolver ações de intervenção, a partir da análise de dados e informações sobre as temáticas da área. (BNCC, 2018, p. 550).

Ainda na BNCC (2018) traz:

As análises, investigações, comparações e avaliações contempladas nas competências e habilidades da área podem ser desencadeadoras de atividades envolvendo procedimentos de investigação. Propõe-se que os estudantes do Ensino Médio ampliem tais procedimentos, introduzidos no Ensino Fundamental, explorando, sobretudo, experimentações e análises qualitativas e quantitativas de situações-problema. (BNCC, 2018, p. 551).

Percebe-se que as práticas estão e irão sempre se renovar, pois os estudantes do ensino fundamental deverão ser aguçados desde cedo para que possam desenvolverem autonomias em suas observações,

identificando certos entraves e solucionando-os de maneira planejada estruturando suas observações investigativas.

Importante frisar que suas cooperações e avaliações sejam atividades envolvendo a reflexão experimental, partindo do qualitativo ao quantitativo se for o caso, mas que o mais importante é a investigação deste estudante que deverá desenvolver em suas situações-probelas, segundo o documento acima mostra. Sabe-se que a prática de ensinar as Ciências por métodos investigativos não é de hoje, vem de longas décadas, e de outros países, mas de onde quer que surgiu sua origem, o importante é saber que os participantes de qualquer experimento deverão ser ativos em suas participações reflexivas.

As literaturas consultadas mostram que foi na Inglaterra o “Entendimento público da Ciência”, para tanto, as promoções de espaços de discussões onde os conhecimentos passam a ser compartilhados,

para novos diálogos mais críticos e reflexíveis, nas questões de identidade de gêneros é desafiador, quando se tem um discurso já pronto por muitas esferas institucionais, discutindo o respeito, de como se ver ou ver o outro sem preconceito, evitá-lo nas igualdades de escolhas de gêneros dentro das comunidades escolares, no processo de formação humana na temática investigada é mais desafiador ainda como mostra o estudo.

Segundo os escritos de CUTRIM (2020), acredita-se que certas reformulações são consideráveis nas culturas sociais, os aprendentes podem avaliarem-se, de maneira necessária no envolvimento, na avaliação e nas comunicações entre seus pares nos conhecimentos científicos, só que de uma maneira não experimental que envolva laboratório fechado, mas com experimentos científicos mais aguçados numa visão global que solidifique, a noção das investigações observáveis em suas colocações no que especifica a cultura social vigente, com novos

olhares e perspectivas práticas de ensino das Ciências Biológicas.

Aponta-se que identificar discursos sobre orientação sexual, seus mitos, suas incertezas nas quais os pais não conversam de forma respeitosa é envolvente, e ao se promover encontros que ajudem os pais ou responsáveis a lidarem com tais situações de conflitos em seus filhos que passa nesta mudança de transição corporal e mental é importante, por isso o ensino por meio das investigações, já propostos por autores, com ou sem instrumentalização, dentro ou fora de laboratórios deverá colaborar na evolução, pois cada situação investigativa, requer consideravelmente uma compreensão sobre as funções sociais que as escolas desenvolvem.

Salientar acerca dos valores sociais, culturais e familiares nos problemas que envolve o emocional e que se relaciona com as identidades de gênero e sexualidade, é assumir uma postura por um método corrigível ao se ensinar sobre algo conflitante dentro

da pessoa, como uma possível ajuda de colaborar nos erros que muitas vezes inicia dentro dos espaços que deveriam ser acolhedores, o ensino das Ciências quando bem planejado proporcionam descobrimentos com estratégias que se valem de teóricos numa amplitude sem fugir dos métodos científicos.

Silva (2017) frisa em seus estudos que:

O gênero, conceito que nasce a partir dos debates entre feministas e pesquisadoras das universidades, nos anos 1960, tem sua primeira caracterização como construção social no que se relaciona ao sexo. As críticas assentam esta significação como incompleta, pois naturaliza o sexo e expõe o gênero como seu equivalente cultural. Deste modo, outras proposições surgem, como a de Joan Scott (2005), que caracteriza o gênero como categoria histórica de análise nas relações de poder. Por conseguinte, de acordo com Bourdieu (2010), habitus de gênero são aprendidos, e internalizados, geralmente sob o jugo da dicotomia e assimetria de papéis e da heteronormatividade, de forma complexa e articulada a outras

estruturas de dominação. (SILVA, 2017, p. 101).

Percebe-se que suas visões simplistas é cercada de conceitos, mas que expõe carências de formações de pessoal para análises de muitas relações de poder, que envolvem famílias e escolas na vida do estudante em sua transição mental e corporal, sendo que o mais importante nisto tudo é o aprendente se sentir confiável em sua escolha, independentemente de quem o olhe diferente, pois sabe-se que as mudanças são desconfortos quando não bem aceitas pelo envolvido, complexos e distúrbios surgem de uma maneira inaceitável e quando se tem ainda os colegas a criticarem e apontarem isso só tem a piorar.

Para Moreira e Silva (2017), que definem identidades de gênero e sexuais:

Conceituar as identidades de gênero e as identidades sexuais, problematizando as suas diferenças, destacando-se que esta diferenciação é importante para a

compreensão da diversidade humana, no que tange as variações das masculinidades e feminidades intrínsecas aos corpos. Sabemos que há machos e fêmeas na espécie humana, mas a condição de ser homem ou ser mulher é efetivada por meio da cultura, sendo as relações de gênero na sociedade hierarquizadas, binárias e relacionais. Dessa forma, nossa cultura acaba por privilegiar a diferenciação sexual (ter pênis ou “vagina”) como se fosse a base da identidade de gênero. (MOREIRA; SILVA, 2017, p. 11).

Certas definições dentro de algumas cabeças produzem uma problematização que ocasionam em grandes impactos sobre as diferenças de gêneros, pois os conhecimentos científicos bem aplicados soam como condições humanas que favorece nas escolhas sem produzir definições inadequadas até mesmo porque, as definições de gênero não são definidas por órgãos genitais e quando isto é bem entendido por todos dentro ou fora das escolas, o conhecimento científico é visível e tais definições sugerem novas posturas de repseito, dando a devida importância das mudanças conceituais que em

muitas vezes são preconceituosas até discriminatórias para os estudantes que estão nesta transição de identidade.

O ensino de Ciências por investigação é louvável desde que bem consolidado pelo docente, pois é de responsabilidade do professor a função de ensinar para a vida, após escolas todo aprendente deve ser provocado a sair de sua zona de conforto, mas que para isto é importante que a oferta da investigação seja promovida desde cedo, ainda nos anos iniciais, sendo a prática com pequenos experimentos e reflexões sobre cada ação-prática que os mesmos são instigados a participarem, mesmo que diante de opções sexuais denominadas de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e mais.

Os autores Cachapuz, Praia e Jorge (2000, p. 67) apontam que: “[...] ajudar a clarificar que objetivos se pretende atingir com uma determinada experiência, a fundamentar argumentos, a precisar

conceitos, a fomentar a reflexão crítica sobre as ações empreendidas, a explicitar atitudes e valores, a promover a integração de saberes dispersos.”. Fica claro que o professor tem a função de ajudar nos argumentos que ele espera que o estudante alcance, provocar a reflexão científica e crítica é um dos passos que irão diferenciar suas aulas. O conteúdo oferecido envolvendo a investigação favorece a interpretação de qualquer eixo estudado, além de trazer e propor como campo de discussão.

Agora sobre a sexualidade humana, esta forma de investigação surgiu como mais uma oportunidade na promoção de temas voltados para o social e o interdisciplinar, já que pode ser associado a outros universos curriculares envolvendo a transversalidade nas disciplinas, para isso é importante a formação docente e o querer dos professores em trabalhar tal ação didático-pedagógica para fins de atender certas especificidades nas escolas.

A sensibilização ao outro tendo em vista a obrigatoriedade do tributo por direito de respeitar o próximo, é uma necessidade de se concernir o outro e sua escolha de vida em relação as diferenças de gênero e a opção sexual que cada um decide escolher e que deverar ser aceita acima de tudo. O desrespeito, a homofobia, as vulgarizações, os grandes impactos nas mudanças corporais e na mente dos jovens das familias perante a sociedade é uma ação que requer investigação mais aguçada.

Moraes, Ramos e Galiazzi (2004), salientam que:

Para que algo possa ser aperfeiçoado, é preciso criticá-lo, questioná-lo, perceber seus defeitos e limitações. É isto que possibilita por em movimento a pesquisa em sala de aula. O questionar se aplica a tudo que constitui o ser, quer sejam conhecimentos, atitudes, valores, comportamentos e modos de agir. (MORAES; RAMOS; GALIAZZI, 2004, p.12). A pesquisa em sala de aula precisa do envolvimento ativo e reflexivo permanente em seus participantes. A partir do questionamento é fundamental pôr em movimento todo um conjunto de ações, de construção de argumentos

que possibilitem superar o estado atual e atingir novos patamares do ser, do fazer e do conhecer. (MORAES, RAMOS e GALIAZZI, 2004, p.16).

Desta forma propor interações que ajude os discentes durante as suas observações, no intuito de que eles possam participar de forma ativa nas reflexões propostas pelos docentes para que construam de maneira positiva e respeitosa nesta fase da vida o que é tão importante para o eixo vida no campo das Ciências, para que passem a compreenderem o outro de forma consciente, respeitosa/empática que na sociedade atual estão se perdendo mesmo diante de tantas lutas e situações positivas com os direitos já conquistados em leis, mas que devem sair do papel.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Louro (1997) salienta que:

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico [...]; como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja etc. são “genereficadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). (LOURO, 1997, p.103).

Importante se destacar os que os autores já abordam ao longo do trabalho sobre as amplitudes que a palavra gênero apresenta, mas que é passível de compreensão mesmo no atual contexto vigente, pois tem-se uma grande aliada nesta luta que é o uso da internet; claro que usada de maneira favorável sendo que a mesma tem seus efeitos diversos no que especifica denigrir imagens, por isso os trabalhos dentro das instituições escolares devem apresentar uma melhor interação nas relações de respeito independentemente do que discordam, no intuito de combaterem o bullying nos espaços escolares e do cyberbullying nos diversos meio sociais.

Reforça-se no que já trata a BNCC (2018) quando apresenta como base para a área das Ciências da Natureza avanços, no que trata-se de práticas investigativas que vão, além do letramento científico, pois deve-se usar como ferramenta ativa na atuação em sala de aula, para o desenvolvimento de novas habilidades e competências mais específicas, além de garantir o desenvolvimento de aulas mais atrativas, para compreender-se o ensino das Ciências com políticas educacionais voltadas para a investigação como um processo de ensino mais prático.

Quanto aos resultados trabalhou-se com o público do nono ano dos anos finais, uma turma de 35 estudantes de ambos os sexos, com o tema ORIENTAÇÃO SEXUAL: respeito as diferenças de gênero na escola. Se apresentou atividades de cunho social no aperfeiçoamento dos objetivos que foi a promoção de espaços de discussões mais investigativos para os momentos das aulas, onde os

conhecimentos foram compartilhados nos diálogos críticos reflexíveis, acerca das questões de identidade de gêneros em estudo.

Os trinta e cinco estudantes deste segmento de ensino discutiram sobre o respeito, como ver o outro sem preconceito e evitá-lo nas igualdades de escolhas de gêneros dentro da escola, o processo de formação humana deu-se na temática investigada do eixo vida sobre a sexualidade. Por isso se buscou identificar na aplicação do questionário inicial e final cinco questões discursivas, onde levou estes estudantes de uma escola municipal para a observação e prática experimental na associação dos discursos teóricos sobre orientação sexual, envolvendo seus mitos e suas incertezas, sendo que em algumas situações relataram que os pais não conversam de forma respeitosa no assunto e nem nas escolas por onde já passaram como promoção de discursões.

Enquanto as dez questões de múltiplas escolhas provocaram o público selecionado de uma referida escola municipal envolvendo-os nos valores sociais, culturais e familiares, pois os problemas emocionais relacionados aos fatores de identidade de gênero e da sexualidade humana no atual século vigente estão cada vez mais em alta. Então o eixo vida apresenta uma construção, que propõe uma linha de raciocínio sobre ações da vida, por isso a escola deve oferecer orientações mais investigativas sanando dúvidas e propondo conhecimentos sobre sexualidade na escola com reflexos futuros para a uma sociedade mais justa.

No entanto as ações que envolveram os estudantes de 13 a 15 anos, são pessoas que já estão no processo de compreenderem e discutirem acerca de sexualidades, como campo necessário para se desconstruir concepções sociais, culturais ou religiosas, pois as atividades desenvolvidas com o auxílio dos teóricos facilita a real compreensão de

certos conceitos, que as vezes já é formulado ou não pelo ser humano que é livre em suas escolhas no convívio social, por isso esta faixa etária ao falar sobre sexualidade e seus aspectos de escolha gera desconfortos para os pais, como os participantes relataram, mas é importante na prática investigativa dentro das escolas públicas, quebrará tabus em momentos sociais ao ver o outro dentro e fora da escola, em suas famílias e nos diversos espaços culturais da sociedade, diante do problema pesquisado perceberam que fatores como a temática em estudo traz soluções interiores com a ajuda dos questionários de perguntas abertas e fechadas.

Importante que a amostra selecionada entendeu que a investigação científica em conjunto ajudou os estudantes na sala de aula, soou de forma ativa no ensino das Ciências durante as etapas das atividades propostas de cunho e caráter investigativo. E diante da temática trabalhada na

sala de aula, se concretizou este trabalho consolidando seus objetivos que trabalharam numa visão do tipo qualitativa, pois esta permitiu uma melhor atitude dos sujeitos participantes nas suas reflexões e investigações teóricas e práticas que posteriormente analisou-se.

Como reflexão nas aulas remotas, percebeu-se que, as aplicações dos questionários, no formato Google Forms, onde, inicialmente sondou-se os conhecimentos prévios dos estudantes, acerca da temática investigada, e que serviu, para o desenvolvimento deste trabalho, contou-se com as aulas expositivas pela plataforma Meet, como espaços de socialização das ações que envolveram o desrespeitos, as múltiplas discussões até nas reflexões teóricas, sendo que, para este momento remoto que todos estão enfrentando pudessem participar de maneira ativa nos experimentos propostos.

Sabe-se que as questões de cunhos sociais necessitaram de adaptações diante da covid-19, mas o importante foi que a investigação para uma real identificação e aplicação desta metodologia, com as indagações reflexíveis 'de como ver o outro sem julgar ou discriminar de forma preconceituosa', 'nas escolhas de gêneros todos as pessoas são livres', os estudantes puderam ser autônomos nos diálogos, soando como caminhos de investigações para os aguçamentos deste público (amostra) selecionada. No entanto, ao final destas etapas de sondagens e investigações para a amostra separada, se aplicou um novo questionário, para que se avaliasse os avanços teóricos das atividades investigativas propostas do eixo temático vida sobre a sexualidade humana, sendo que também ajudou nas análises dos dados, pois saber a evolução dos conhecimentos científicos se tornaram importantes nesta nova etapa da investigação.

Pelo exposto acima, verificou-se também que a ofertada de forma aplicável nas ações mais investigativas no ensino dos sujeitos se viu para os campos das ciências da natureza proporcionando a sanção das perguntas levantadas, com hipóteses consistentes onde os estudantes participantes pudessem se tornarem sujeitos mais ativo nas suas investigações, além de buscarem por soluções desencadeadoras e com análises nas situações propostas investigadas. Em tratando-se de garantir aos estudantes selecionados os direitos das aprendizagens e ao mesmo tempo o desenvolvimento científico social, que baseou-se nas relações dos princípios éticos, sendo o mesmo documento uma proporção de uso para as crianças, os jovens até aos adultos os direitos de acesso as invertigações observaveis com práticas mais consistentes nas relações sociais.

Diante de tais reflexões destes dois documentos norteadores e como resultados obtidos que

alcançou-se uma ampliação dos conhecimentos culturais dos estudantes de forma visível, pois a responsabilidade com o respeito as diversidades de gêneros entre os aprendizes, seus familiares e a comunidade escolar obteve-se suas desconstruções diagnosticadas de um imaginário que as pessoas com opções de gênero diferentes estão aptas e que merecem muito respeito na vida como qualquer outra pessoa.

Com os documentos consultados, as leituras realizadas, os dialogos realizados e com toda as exposições feitas, os estudantes selecionados para a amostragem perceberam que a convivência entre os gêneros de forma respeitosa é possível, sendo que diante das criatividade dos mesmos e ligadas ao saberem se expressar socialmente sobre a temática proposta, más como discursão provocada e resultados esperados que apresentam-se como ideia central, numa maior compreensão acerca da orientação sexual, no respeito as diferenças de

gênero na escola, pois o estudante como prognosticador dos efeitos investigativos sempre visando as novas obtenções nas melhorias em relação ao outro e na sociedade com as discursões propostas.

Observou-se ao término da aplicação dos encontros da pesquisa a ocorrência das mudanças de postura dos estudantes nas e para as melhorias sociais, através da otimização dos processos de controle nas tomadas de decisões, sendo os protagonistas diretos e envolvidos no mesmo processo investigativo trabalhos na situação remota. Para tanto, ao apresentar discursões bem pertinente, acerca da interdisciplinaridade nos currículos escolares e ao mesmo tempo Altmann (2001) e Norberto (2016) demonstram a “Orientação sexual como tema transversal”, ou seja, uma integração da temática sobre as questões de gêneros nas disciplinas escolares, com o intuito de uma discursão mais rica e

autônoma para as comunidades escolares, numa educação para a sexualidade.

Já Louro (1997) trata das:

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. (LOURO, 1997, p. 57).

Assim, percebe-se que as escolas necessitam de entimentos sobre conceitos não separando as pessoas, desta maneira, se percebe que nas discussões aqui levantadas, chegou-se a uma definição de que as escolas devem estar na luta da união destes sujeitos. Perante os resultados e discursões na temática proposta 'orientação sexual', os estudos sobre a LGBTQIA+, os estudantes da

amostra demonstraram conceitos de sexualidades, com respeito e possibilidades de melhorias nas diferenças de gêneros, com os processos de informações das novas aquisições, visando investigações nas correções e otimizações para os diálogos críticos e reflexivos que influenciam para o social de todos e todas dentro e fora da escola.

Cabe também se ressaltar que, o sexo não é por definição a própria reprodução, nem tampouco o único mecanismo existente, mas para tanto foi importante se apontar o significado do LGBTQIA+, pois muitos não sabiam seu significado e origem histórica. No entanto, o dia internacional do orgulho gay que inspira e mobiliza o mundo inteiro, se deu pelo fato de que no dia 28 de junho de 1969 os frequentadores de uma bar que passavam por críticas discriminatórias começaram um protesto contra a intolerância que sofriam. Por isso, afirma-se que a orientação sexual de uma pessoa não é ligada nas experimentações sexuais, mas nas atrações

afetivas ou sexuais, neste caso, julgar ou apontar a opção sexual de qualquer pessoa é considerado crime.

O artigo clareia e proporciona momentos que levam os estudantes de uma turma do nono anos dos anos finais a refletirem mais, sobre as questões relacionadas a sexualidade humana, sexo ou identidades de gêneros, de forma investigativa como proposta de ensino e de aprendizado, na disciplina de Ciências, sendo este proposto pelo eixo temático vida, no entanto, foi necessário o uso de recursos didático, que diante de tais situações do distanciamento social como o uso dos recursos tecnológicos, na construção de uma linha de pensamento que abriu as novas possibilidades de toda a turma dentro do espaço educativo em estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os homens evoluíram em seus comportamentos, de forma que a palavra sexo ganhou grandes inquietações sociais entre as pessoas adquirindo significados imaginários, preconceituosos, discriminatórios e pejorativos, além de designar até mesmo ao órgão sexual ou aos gêneros (homem ou mulher), no entanto, discutir a sexualidade nas escolas não é muito comum por muitos professores e nem como pensa-se, pois socialmente falando estão relacionados a outras necessidades humanas. A promoção destas e de outras reflexões, com atividades que colaboram sem sombra de dúvidas a minimizar e cooperar para os novos conhecimentos que darão boas orientações acerca da temática trabalhada nas escolas.

Entendeu-se que historicamente o comportamento humano está sofrendo grandes influências, que de certo modo estão impactando

nas relações sociais das pessoas. Impactos estes, que vão além das questões escolares, culturais, sociais e religiosas, pois partem para violações de direitos, baixo escalão, a altos níveis de violência, no entanto, promover tais discursões sobre as ações humanas, portanto, o conhecimento compartilhado nos espaços educativos soaram de forma positiva para novas atitudes comportamentais de alguns indivíduos e que teimam em não respeitar o outro ou aceitar a sua escolha sexual.

O artigo oferece aos seus leitores, ao campo acadêmico ou até mesmo aos amantes da temática acesso às informações diversas, explorando as diferenças de gênero decorrentes de pesquisas e as palestras como opção de formação às comunidades escolares podendo sensibilizá-los, no intuito de que, a opção ou a escolha sexual de cada um merece respeito, com isto aguçar investigações que necessite de atenção ao promover reflexões e atividades pedagógicas que tratem do assunto requer um bom

planejamento estratégico, para que a população escolar possa ser sensibilizada e tornem-se multiplicadores nas famílias e na sociedade atual.

Ultima-se no que expõe a construção do artigo publicado Brasil Escola (2010) que destaca às questões de sexualidade como um estudo sobre as relações de gênero, as suas contribuições nas práticas docentes para o rompimento nas desmistificações de diferenças, discriminações e preconceitos em relação à sexualidade tratado em sala de aula. E também sobre os escritos da autora Norberto (2016) que expõe a educação para a sexualidade como uma abordagem necessária para a atualidade e nas de Cutrim (2020) que destaca uma educação para a igualdade de gênero e sexualidades numa proposta investigativa fazendo ainda com que as pessoas ampliem suas experiências com o outro na sociedade.

Discutir tais assuntos de sexualidades, questões de gêneros, LGBTQIA+ ou outros ligados aos assuntos

investigados, que servem como um auxílio para os trabalhos interdisciplinares em sala de aula, e a parceria que envolve estudantes, docente, a comunidade escolar e não dizer o apoio de outros profissionais de entidades ajudam na luta contra a discriminação, os preconceitos de gêneros, machismo, feminismo e sexualidades como temáticas transversais nesta luta incansável.

Resalta-se também que o trabalho ajudou na comunidade escolar, por meio das socializações que ficou o quanto se necessita respeitar o outro, diante de suas escolhas de gênero, além de que, ajudou a sanar alguns mitos, brincadeiras ofensivas ou inocentes, mas que de fato ofendiam o próximo. Conclui-se que através dos temas tratados da interdisciplinariedade perpassam por credices, culturas sociais que não precisam necessariamente seguir uma orientação rígida e predeterminada por templos religiosos, clubes de esportes ou outros setores de convívios, que ajudem as escolas com

espaços mais apropriado e adequados para tais reflexões propostas.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Estudos Feministas, 2/2001, p 575 - 585. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2022.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Orientação Sexual**. In: _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998.

BRASIL, E. **Relações de Gênero e Sexualidade**. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/relacoes-genero-sexualidade.htm>. Acesso em: 03 mar 2022.

BRASÍLIA: MEC, 2001. BRASIL. Parecer CNE/CP9/2001 - **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: MEC, 2001.

CACHAPUZ, A.F; PRAIA, J.F; JORGE, M. P. **Perspectivas de ensino das Ciências**. Porto: Eduardo & Nogueira, 2000. p. 75.

CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?** Tradução: Raul Filker. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

CURRICULAR, Base Nacional Comum. 2018.

Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.

CUTRIM, R. C. Soares. **Educação para a Igualdade de Gênero e Sexualidades**: entre ditos, interditos e feitos numa proposta de investigação no Ensino Médio. PPGEEB/UFMA. 2020.

DUDH. **Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris**. 10 dez. 1948. Disponível em:

https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-declaracao-dos-direitos-humanos-faz-70-anos/?amp=1&gclid=CjwKCAjw47eFBhA9EiwAy8kzNG8nzwTgyBhejK5Nzw2IGxzKEGbDV0iae0caWeB3uidYvTwec6FnJBoCjX8QAvD_BwE. Acesso em: 26 abr 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade, educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MORAES, R.; RAMOS, M. G.; GALIAZZI, M. C. **A epistemologia do aprender no educar pela pesquisa em Ciências**: alguns pressupostos teóricos. In:

MORAES, R.; MANCUSO, R. (Orgs.). **Educação em Ciências**: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Editora Unijuí, 2004. p. 85-108.

MOREIRA, Catarina de Cassia; SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. **Identidade de Gênero e Identidade Sexual**. 2017 Disponível em: http://www.avacap.ufma.br/file.php/42/BIBLIOTECA/MODULO_II/TEXTOS_3-_Identidade_de_Genero_e_Sexual.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.

NORBERTO, R. S. Santos. **Educação para a Sexualidade**: uma abordagem necessária. UFPB. 2016.

OSTERMANN, F.; MOREIRA, M. A. Sobre o ensino do Método Científico. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**. Florianópolis, v.10, n.2, p.108-117, ago.1993.

RODRIGUES, B. A.; BORGES, A. T. **O ensino de Ciências por investigação**: reconstrução histórica. In: XI ENCONTRO DE PESQUISA EM ENSINO DE FÍSICA, 2008, Curitiba. **Atas do XI EPEF...** Curitiba: UTFPR/UFPR, 2008. Disponível em: <http://www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/epef/xi/atas/resumos/T0141-1.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SILVA, S. M. P. da (Org). **Usos e Desusos do Gênero e Diversidade no Processo Educativo**. São Luís: Edufma, 2017.

SILVA, Sirlene Mota Pinheiro; ALBUQUERQUE, Zelia Souza. **Gênero e sexualidade na escola: uma abordagem necessária**. (2017). In: I Encontro maranhense sobre educação, mulheres e relações de gênero no cotidiano escolar, São Luís, MA. EDUFMA, 2008, p. 38-48.

O FAZER PEDAGÓGICO NAS AULAS REMOTAS POR MEIADOS RECUSOS DIGITAIS

Marilda Faustino de Andrade Ribeiro⁸

Indiscutivelmente a pandemia da Covid-19 pelo mundo gerou grandes prejuízos em diferentes áreas da vida diária da humanidade, revelou-se o quanto o mundo vive na era da informação e comunicação, assim como somos dependentes de uma cadeia global que se interliga em diferentes esferas para a sobrevivência humana.

A crise mundial de saúde gerou uma instabilidade enorme em diferentes setores, dentre eles o da educação formal que buscou garantir o

⁸Graduada em: Pedagogia-FAMA, Graduada em: Geografia-FAVENE; Pós-Graduada em: Psicopedagogia-IESF, Gestão, Supervisão e Orientação Pedagógica- FAVENE, Informática na Educação-IFMA; Mestranda em: Tecnologias Emergentes na Educação- MUST UNIVERSITY Contato: marildaandraderibeiro@gmail.com.

acesso ao ensino como manda a lei de forma emergencial por meio de aulas a distância ou chamadas também de remotas, síncronas ou assíncronas.

Nesse sentido, a educação valeu-se das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs); evidenciando o uso da tecnologia a favor da educação que apesar de já ser previsto em documentos normativos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nas escolas do Brasil, ainda não era muito utilizada na grande maioria das instituições escolares pelo Brasil.

Observa-se que as escolas antes da pandemia ainda caminhavam a paços lentos quanto ao uso dessas ferramentas tecnológicas em sala de aula para a geração de conteúdo digital ou simplesmente para promoção da alfabetização e do letramento digital aos seus estudantes.

Com o advento da pandemia, a escola encontrou-se diante de uma situação de emergência

publica na qual a Lei de Diretrizes e Base da educação Nacional (LDB) prever a educação básica em casos excepcionais podendo ser realizada na modalidade a distância, com isso, a escola teve que se reinventar e adaptar a sua rotina ao ensino totalmente a distância, essa nova realidade criou alternativas educacionais impensadas até então por meio da tecnologia, a escola continuou a cumprir o seu papel social de garantir o acesso e a permanência dos estudantes ao ensino sistematizado, respeitando as condições do aluno e da própria escola levando em consideração o contexto cultural e social dos estudantes.

Inegavelmente o cenário pandêmico das escolas públicas durante as aulas remotas destacou a importância do uso das tecnologias digitais para a educação como forma de garantia do acesso a aprendizagem, destacando-se dentre os principais elementos utilizados nesse processo de ensino, as redes sociais, softwares e aplicativos de mensagens.

Eles foram importantes para a prática docente gerando novos conhecimentos, apesar de não ter sido acessível a todos os estudantes por alguns entraves, como a falta de acesso à internet ou a falta de um aparelho tecnológico adequado ao uso pessoal durante as aulas.

Com esse olhar voltado as potencialidades e dificuldades durante as aulas remotas, será apresentado um estudo de caso de uma escola comunitária que tem parceria com a rede de ensino municipal da cidade maranhense de Paço do Lumiar, retratando como aconteceu as aulas remotas na instituição no ano letivo de dois mil e vinte e um sobre a visão dos professores quanto ao caminho percorrido por eles na busca da garantia da aprendizagem a seus alunos.

A presente pesquisa é de cunho bibliográfico e de campo, através do método investigativo por meio de leituras variadas acerca da temática e reflexões, além de entrevista com os professores da escola

comunitária Mickey Mouse apresentada como estudo de caso.

Todo aporte teórico e legislativo foi resultado da consulta de diferentes fontes correlacionadas com o uso das tecnologias na educação e como o ensino aprendizagem pode ser resignificado com novas práticas educativas, utilizando-se como recursos metodológicos livros, artigos, periódicos, sites, documentos normativos das políticas públicas da educação no Brasil etc.

A UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS DIGITAIS NO FAZER PEDAGÓGICO DURANTE AS AULAS REMOTAS.

O mundo foi surpreendido pela pandemia do vírus da Covid-19 no ano de dois mil e vinte gerando incertezas e medo, os principais telejornais pelo mundo não paravam de anunciar reportagens com as tragédias provocadas pela doença, o Brasil seguindo recomendações da Organização Mundial

da Saúde- OMS adotou o uso da máscara, a higienização das mãos constantemente e o distanciamento social como forma de prevenir a doença, essas foram as principais medidas de proteção mais recomendadas para a prevenir e tentar controlar a onda de contágio provocada pela doença. O cenário sombrio com grandes números de mortos pelo mundo e internações desencadeou inúmeras discussões de como se manter o ensino e o trabalho das pessoas, sem gerar maiores perdas para a economia surgindo assim, o teletrabalho e as aulas remotas síncronas ou assíncronas.

Nesse sentido, as diferentes formas de comunicação da era moderna tornaram-se indispensáveis e puderam contribuir efetivamente com a economia e a educação pelo mundo. Todo esse potencial tecnológico disponível atualmente com o uso da internet proporcionou grandes oportunidades, sendo assim, segundo Kenski (2008) “As novas formas de interação e comunicação em

redes, oferecidas pelas mídias digitais, possibilitam a realização de trocas de informações e cooperações em uma escala inimaginável”.

Com esse pensamento aproveitou-se todo esse potencial tecnológico a favor da educação nas aulas remotas, professores que não tinham familiaridade com as tecnologias da comunicação e informação se reinventaram e não pararam suas atividades educativas migrando do presencial para o virtual, replanejando toda a sua metodologia de ensino e modo de avaliação da aprendizagem.

Nesse novo modo de se fazer educação o ensino remoto foi a opção segura e possível com a utilização dos recursos digitais disponíveis no mercado como as redes sociais e os aplicativos de mensagens que já eram conhecidos e utilizados pela maioria dos estudantes. No entanto, vale destacar que a escola antes mesmo da pandemia já sentia a necessidade de incorporar as tecnologias ao ensino, como recomendava-se na BNCC. Segundo Kenski (2012,

p.18) “adaptar-se aos avanços das tecnologias e orientar o caminho de todos para o domínio e apropriação crítica desses novos meios”.

Nesse sentido o educador impulsionado pela pandemia buscou adaptar-se e apropriar-se dos recursos digitais em pouco tempo para atender as necessidades educacionais vigentes, muitos mesmo com dificuldades conseguiram gerir suas aulas e despertar no aluno o uso crítico e consciente da tecnologia.

Observou-se também, a exclusão digital de grande parte da população brasileira, nas aulas remotas, o grande entrave na maioria das instituições consistiu na falta de acesso à internet pelos alunos mais carentes sendo essa questão um grande problema ao ensino, segundo (Unicef, p.5, 2020) “Em novembro de 2020, mais de 5 milhões de meninas e meninos de 6 a 17 anos não tinham acesso à educação no Brasil”. Tais dados constataam o quanto a pandemia impactou a educação mostrando a

fragilidade do sistema brasileiro de educação em atender seus alunos em especial aos mais humildes, que mais sofreram com a exclusão escolar.

A falta de conectividade com a internet infelizmente consistiu em um entrave educacional “Essa exclusão pode se produzir por diferentes mecanismos: falta de infra-estrutura tecnológica; obstáculos econômicos ou institucionais ao acesso às redes;” (Castells, p. 226- 227, 2003). Os estudantes em especial da zona rural e comunidades indígenas e quilombolas foram os mais prejudicados pela falta de conectividade com o mundo virtual gerando uma grande desigualdade no acesso e permanência na escola, indo o ensino na contramão do que se prega nos documentos normativos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB (1996) e o Plano Nacional de Educação-PNE (2014-2024), que se complementam na garantia da educação com qualidade e equidade. Tais documentos são referências por entenderem que o conhecimento

produzido por meio dos recursos digitais oferecidos pelas ferramentas tecnológicas são indispensáveis ao atual século para a evolução da sociedade e da educação em meio as grandes mudanças da atualidade.

As constantes mudanças não se apresentam como ameaças, mas como oportunidades para a integração, o diálogo, a interconexão entre as mais diversas iniciativas educacionais, no sentido de convergência de pessoas e conhecimentos. Educação e comunicação, mais do que faces diferentes da mesma moeda, se integram e se complementam. (Kenski, p. 662, 2008).

A adaptação ao novo com as aulas remotas vai de encontro com o pensamento da autora pelo fato do educador criar uma rede de conectividade de troca de experiências e constante diálogo com outros educadores e buscar formação continuada na área tecnológica para continuar desenvolvendo seu trabalho, agora no ambiente virtual; apesar dessa

realidade ser comum nas universidades que possuem cursos na modalidade a distância ou semipresenciais a escola regular necessitou se reinventar, no como refazer a prática pedagógica educativa, surgindo muitas ideias inovadoras que foram sendo construídas e compartilhadas nas redes sociais e na televisão, influenciando positivamente novas aprendizagens e renovação nas práticas pedagógicas.

Os educadores passaram a utilizar as redes sociais, e aplicativos de mensagens como ferramentas educacionais associadas a blocos de atividades impressas para poder atender o maior número possível de alunos. As escolhas dos recursos digitais de aprendizagem a atual geração da web 2.0 pautaram-se na funcionalidade e familiaridade dos alunos com os mesmos.

Os usuários da Web 2.0 querem velocidade e resultados imediatos. Eles têm a internet como um meio importantíssimo na sua rede social, profissional e afetiva, e por isso, os softwares de mensagens instantâneas e

os sites de comunidades virtuais e de relacionamento ganham enorme relevância. (Bezerra e Brito, p.59, 2013)

Com base nessa relevância tida pelos autores, as escolhas dos meios de comunicação levaram em conta a realidade dos alunos, atualmente grande parte das crianças e jovens utilizam recursos da web 2.0 no cotidiano, o You Tube por exemplo é um fenômeno de acessos e compartilhamentos de vídeos na rede assim como o Facebook e Instagram.

Dentre as vantagens do uso das redes sociais na educação tem-se segundo (Graells, apud Machado, 2008) “desenvolvimento das Competências digitais. Os usuários são capazes de converter as informações em conhecimento, refinando a seleção, a busca e a transmissão das informações”.

Esse pensamento vai de encontro ao contexto social vigente em que o uso da tecnologia cada vez mais vai ganhando espaço nas relações econômicas e sociais; exigindo a formação de um cidadão

voltado para as diferentes demandas requerendo pensamento crítico, colaborativo e comunicação ampla, no sentido de saber usar diferentes meios de comunicação.

O uso das redes sócias mais comuns como Facebook e Instagram tornaram-se de grande utilidade pedagógica para a transmissão de aulas ao vivo, outros instrumentos como o Google Meet, e o Google Classroom antes desconhecidos popularmente ganharam espaço e com grande destaque o aplicativo de mensagens WhatsApp, esses recursos digitais foram muito utilizados para se manter contato com os alunos e realizar aulas síncronas e assíncronas. De acordo com Mattar (2014), o aplicativo WhatsApp realiza a comunicação de forma rápida e tem potencial como ferramenta de apoio à educação, pela possibilidade de envio de várias mídias como: textos, imagens, audio e vídeos além da criação de grupos de usuários.

Diante de todas as vantagens no envio de diferentes mídias e o grande uso popular pela sociedade o aplicativo ganhou espaço de destaque nas aulas remotas levando educação a grande parte dos estudantes que não podiam sair de casa, as diferentes mídias promoveram interação e garantia de acesso e permanência na escola.

Relato de experiência das aulas remotas em uma escola do Município de Paço do Lumiar no Maranhão-Brasil

A escola comunitária Mickey Mouse localizada na área periférica da cidade de Paço do Lumiar possui parceria com a Prefeitura Municipal da cidade e desenvolve suas atividades nos turnos matutino, vespertino e noturno; o prédio escolar é cedido à rede municipal nos turnos da tarde e noite, durante as aulas remotas a instituição desenvolveu suas

atividades educativas cem por cento de forma remota com todas as turmas da educação básica.

Levando em consideração a clientela da escola e as condições sócio econômicas das famílias dos estudantes, a rotina educativa foi pensada de forma semanal por meio de grupos das turmas no aplicativo WhatsApp, essa ferramenta foi escolhida pelo fato de atingir a maioria dos responsáveis dos alunos enquanto acesso as diferentes maneiras de se comunicar. Os estudantes eram adicionados aos grupos da turma a qual faziam parte; nesses grupos professores, coordenação e a gestão davam suporte aos alunos e a família; todos desenvolviam seus trabalhos por meio de vídeos, imagens e textos. Seguia-se quatro horas de interação no grupo em que os alunos assistiam aos vídeos, tiravam dúvidas sobre a aula e realizavam as atividades propostas e mandavam a devolutiva por meio de pequenos vídeos e fotos ao professor para correção.

Observou-se nesse contexto que grande parte dos estudantes acessavam as aulas pelo celular e usam dados móveis das operadoras telefônicas, outro fator era as devolutivas das atividades que aconteciam em sua maioria um dia após as aulas, pelo fato de grande parte dos estudantes realizarem suas atividades a noite quando os pais chegavam do trabalho e os ajudavam. Muitos alunos relatavam que não tinham o celular em casa na hora da aula e com isso, a rotina de estudos era prejudicada a alguns, pelo fato dos grupos das turmas serem abertos e fechados todos os dias nos horários de início e término das aulas.

O interessante segundo relatos dos professores foi, que apesar das dificuldades, muitos alunos participavam dando retorno das atividades propostas nas aulas com devolutivas, observando-se o interesse e aprendizagem em meio as barreiras; consegue-se trabalhar projetos de leitura e a semana

da criança de forma remota com diferentes atividades lúdicas.

Obteve-se relatos de alguns educadores, que construíram canais no YouTube em que eram disponibilizados os vídeos aos alunos e ficavam à disposição dos mesmos para assistirem quando pudessem, essa nova experiência com o mundo tecnológico gerou conhecimento digital e sacudiu os educadores na busca por conhecimento digital, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação-TDICs foram bem exploradas com vista ao contexto educativo.

Contudo é importante ressaltar que a exclusão digital também foi uma problemática para a escola, que pensando em como atender esses educandos que não participavam das aulas remotas, desenvolveu com os professores uma apostila de atividades com todos os assuntos estudados semanalmente. Os pais dos educandos recebiam na escola as apostilas e realizavam em casa as

atividades e posteriormente devolviam na escola e recebiam novos cadernos de atividades, assim os professores acompanhavam esses alunos. Contudo observou-se que essa sistemática foi considerada a menos significativa a aprendizagem pelo fato dos alunos não terem em suas casas suporte necessário a compreensão dos assuntos estudados nas apostilas, muitos responsáveis não eram alfabetizados e os irmãos mais velhos de alguns alunos mais novos que faziam o papel de ajudarem nas atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que durante a pandemia da Covid-19 a escola teve que repensar a sua prática pedagógica e se adaptar ao momento vivido levando em conta as possibilidades de uso dos recursos digitais de aprendizagem na promoção do ensino; as aulas remotas síncronas ou assíncronas tornaram-se necessárias para atender as demandas

educacionais, nessa situação emergencial tudo aconteceu bem rápido e sem preparo do corpo docente a esse novo cenário educacional virtual.

Nesse contexto os educadores que não tinham tanta afinidade com as tecnologias se reinventaram e buscaram qualificação e passaram juntamente com os estudantes a ter uma rotina educacional no mundo virtual como forma de continuar o trabalho escolar. Dentre os entraves o mais pertinente foi a falta de acesso à internet principalmente nas famílias mais carentes dificultando o processo de ensino aprendizagem remoto.

Com base no relato de experiência pode-se constatar que o ensino aprendizagem aconteceu apesar das dificuldades e que a escola tentou dentro de suas possibilidades oferecer o seu melhor no atendimento a seus estudantes, nesse processo percebe-se as dificuldades das famílias no apoio das atividades e também a força de vontade em estudar de muitos alunos que eram presentes nas aulas

remotas e sempre interagem com o professor dando devolutivas das atividades.

Foi evidente, a educação não parou com a pandemia, os meios de comunicação foram usados como nunca se tinha visto nos últimos tempos; as barreiras da conectividade dividiu as classes sociais desvelando as desigualdades levando a reflexão do quanto o uso das diferentes ferramentas tecnológicas são essenciais ao novo modo de se viver na era da digital.

A ação e reflexão do trabalho docente foi resinificada e percebeu-se o quanto as ferramentas tecnológicas são capazes de agregar conhecimento e potencializar o ensino. Tanto se tem pensado nessas questões que os mais atuais documentos normativos da educação nacional já reconhecem a importância do uso da tecnologia na educação escolar para formação do cidadão que se espera formar na escola, direcionado ao mundo do trabalho e as práticas sociais com o pensamento crítico e

reflexivo sobre a sua realidade. Educação e tecnologia se inter-relacionam, são temáticas interessantes e inesgotáveis de pesquisa pelo fato de suas renovações e ressignificações sócias serem em larga escala com a capacidade de interferir na vida das pessoas de forma direta ou indireta.

Com esse olhar de que muito ainda se tem a aprender e produzir nessas duas áreas seria interessante uma pesquisa direcionada aos professores sobre como eles se sentiram com relação a forma de avaliação dos alunos na pandemia, se de fato o conhecimento foi valorizado tanto por alunos quanto por professores nos aspectos qualitativos da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

Brasil. (1996). **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 2 ed. Brasília. Senado Federal. Disponível em:
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

Brasil. (2014). **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 01 de outubro de 2022.

Bezerra, J. C. C.; Brito, S.O. (2013). **A importância da web 2.0 no processo de ensino e aprendizagem**. In: Revista Expressão Católica, jul./dez.; 2(2), p.56-66. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/1322/1085>. Acesso em 28.09.2022.

Castells, M. (2003). **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar.

GRAELLS, P. M. (2008). **La web 2.0 y sus aplicaciones didácticas**. Disponível em: <<http://dewey.uab.es/pmarques/web20.htm>>. Acesso em: 26 set. 2022.

Kenski, V. M. (2008). **Educação e Comunicação: Interconexões e Convergências**. In: educ. Soc., campinas, vol. 29, n. 104 - especial, p. 647-665, out. 20. Disponível em: Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

KENSKI, V. M. (2012). **EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS:** o novo ritmo da informação. Campinas:Papirus.

Mattar, j. (2014). **Design educacional:** educação a distância na prática. 1. Ed. São Paulo:Artesanato Educacional.

Unicef, (2020). **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil.** Disponível em:
<https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>. Acesso em:
30 de set. de 2022.

